

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar  
Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH  
Trabalho de Conclusão de Curso - TCC  
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia

“O Museu de São Carlos e seu caráter educativo:  
Relato de uma experiência com crianças do Ensino Fundamental”

Marcela do Nascimento Gutierrez  
RA: 260932

São Carlos  
2008

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar  
Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH  
Trabalho de Conclusão de Curso - TCC  
Licenciatura Plena em Pedagogia

“O Museu de São Carlos e seu Caráter Educativo:  
Relato de uma experiência com crianças do Ensino Fundamental”

Trabalho entregue à disciplina de Trabalho  
de Conclusão de Curso em Pedagogia.

**Aluna:** Marcela do Nascimento Gutierrez **RA:** 260932  
**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elenice Maria Cammarosano Onofre  
(Departamento de Metodologia de Ensino - UFSCar)

São Carlos  
2008

*“Os museus funcionam como espaços em que os sujeitos  
que estavam separados no tempo e na geografia  
têm a oportunidade de se encontrar”*

*Ulpiano T. Bezerra de Meneses*

*Aos meus pais Luiz e Cristina, pelo  
amor e dedicação que sempre me dedicaram  
em todos os momentos.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar a vida;

Aos meus pais Luiz e Cristina, que sempre acreditaram que eu conseguiria atingir este sonho de me formar em uma universidade pública e, devo a eles o fato de estar agora concluindo mais esta etapa de minha vida;

Ao Wagner, pela compreensão e pela paciência nos momentos de cansaço e exaustão;

As minhas amigas, em especial: Ivone, Vivian e Nilmara, pelo incentivo a realização deste trabalho;

Às coordenadoras e monitoras do Museu de São Carlos, pelo acolhimento e ajuda em tudo o que foi necessário para a realização da pesquisa;

Ao colégio particular, no qual a pesquisa foi desenvolvida, pela confiança e pelo espaço cedido;

Às crianças participantes, pela essencial contribuição e por terem me recebido na escola com tanto carinho, bem como a seus pais e/ou responsáveis, por autorizarem a sua participação;

A minha orientadora, professora Elenice M. C. Onofre, pela calma, pela paciência, pelo respeito e por acreditar no projeto desde o início;

À professora Cristina Pátaro, pelo incentivo e sugestões ao projeto;

À professora Rosa M.M. Anunciato de Oliveira, pela participação na banca examinadora e pelas valiosas sugestões ao trabalho;

A todos os meus professores da graduação em Pedagogia da UFSCar e também a toda a turma de 2005, que trilhou comigo esses quatro anos de luta e de dedicação, os quais são para mim a realização de um sonho.

Muito obrigada a todos e todas!

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo identificar e analisar os processos educativos vivenciados por um grupo de crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental, no momento da visita monitorada ao Museu de São Carlos. Pretende-se identificar as expectativas, as aprendizagens, as reações e os sentimentos das crianças participantes no espaço em questão. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, para a qual foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados: questionários, diários de campo, observações, registros escritos, os quais foram posteriormente analisados com base em literatura específica. Para o desenvolvimento deste estudo, um grupo de crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede particular de ensino do município de São Carlos-SP foi observado durante uma visita monitorada ao Museu. Além disso, foram aplicados dois questionários, um anterior e outro posterior à visita a fim de identificar as expectativas e as aprendizagens das crianças a partir da experiência no espaço, bem como verificar qual sua concepção acerca da instituição museu. Para a fundamentação teórica e científica da pesquisa, buscamos auxílio em trabalhos de alguns teóricos, entre os quais: Paulo Freire; Cristina Bruno; Angela Cardoso Guedes; José Moura Gonçalves Filho; José Amado Mendes; Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses e Maria de Lourdes Parreiras Horta.

**Palavras-chave:** Educação em museus, práticas educativas não-escolares, educação patrimonial.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO.....  | 08 |
| 1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....                                | 12 |
| 2. A PESQUISA: APRESENTAÇÃO, OBJETIVOS E<br>METODOLOGIA..... | 24 |
| 3. O ESPAÇO DA PESQUISA: O MUSEU DE SÃO CARLOS.....          | 29 |
| 4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....                               | 31 |
| 4.1. RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO 01.....                       | 31 |
| 4.2. RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO 02.....                       | 38 |
| 5. ANÁLISE GERAL DOS DADOS.....                              | 50 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                 | 65 |

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### APÊNDICE

I. ANÁLISE DAS RESPOSTAS INDIVIDUAIS DAS CRIANÇAS COM AS RESPECTIVAS CÓPIAS DOS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS E ALGUNS DESENHOS.

II. DIÁRIOS DE CAMPO.

### ANEXO

I. CÓPIA DOS QUESTIONÁRIOS EM BRANCO.

II. FOTOS DE OBJETOS E PINTURAS DA EXPOSIÇÃO CITADAS PELAS CRIANÇAS.

III. DESCRIÇÃO DETALHADA DAS SALAS DA EXPOSIÇÃO HISTÓRICA.

IV. BIOGRAFIA DE BENEDITO CALIXTO.

## INTRODUÇÃO

Durante o segundo semestre do ano de 2006, momento em que cursava o quarto período (semestre) do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), tive a oportunidade de realizar um estágio extracurricular na Fundação Pró-Memória, no município de São Carlos-SP. Esta Fundação tem como objetivo principal promover a conservação/manutenção de documentos e arquivos históricos do município e de outros locais, além da promoção de eventos e exposições artísticas e culturais à comunidade são-carlense.

No mesmo prédio onde está localizada a Fundação Pró-Memória (Estação Cultura - Praça Antonio Prado s/nº, antiga Estação FEPASA, Centro de São Carlos-SP), há também o Museu de São Carlos, pertencente ao Departamento de Artes e Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São Carlos (SMEC), no qual eu também trabalhava aos finais de semana como monitora cultural. O acervo do museu, atualmente, está organizado em quatro coleções: histórica, de artes visuais, etnográfica/ artigos indígenas e fotográfica. Neste espaço, são realizadas exposições que têm por objetivo promover a inserção da comunidade são-carlense no processo de preservação da memória de seu município.

No início do estágio na Fundação Pró-Memória, não tinha a intenção de envolver-me com a temática da Educação Patrimonial ou da Educação em Museus, pois pensava que aquela seria uma experiência enriquecedora na minha formação, mas, contudo, passageira. Posteriormente, a Fundação ofereceu um curso de formação aos futuros monitores culturais do Museu. Foi um curso intensivo, composto por oficinas educativas; leituras teóricas sobre Educação em museus; debates sobre Museologia, Artes e História; funções e papel social dos museus; importância do trabalho dos monitores culturais; entre outros aspectos relativos à temática, tendo este curso sido ministrado por uma das coordenadoras da ação educativa do Museu Lazar Segall, em São Paulo, naquele ano.

A partir da realização desse curso de formação para os monitores culturais do Museu, passei a me interessar pela temática da Educação Patrimonial de um modo especial, e modifiquei gradativamente a concepção que eu tinha acerca da instituição Museu. Minha concepção sobre a instituição foi ampliada, de forma que passei a ver o espaço do Museu



como um espaço de múltiplas possibilidades educativas, de ricas interações, de formas variadas de expressão e de acesso à informação, às artes e a diferentes áreas do conhecimento. Passei a enxergá-lo também como um espaço promotor da sensibilidade estética, da percepção artística e da sensibilidade do “olhar”.

Após a realização do curso de formação para monitores, oferecido pela Fundação Pró-Memória, passei a trabalhar como monitora cultural no Museu de São Carlos em praticamente todos os finais de semana, atendendo os públicos de diferentes faixas etárias, contextos sociais e culturais. Pude também interagir com os visitantes, com os outros monitores e funcionários do Museu, bem como com professores, pesquisadores e estudiosos dessa área e tudo isso fez com que eu me interessasse pela temática mais e mais, tanto que esse interesse resultou neste presente Trabalho de Conclusão de Curso, bem como em uma pesquisa de Iniciação Científica, apoiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq), sob orientação da professora doutora Elenice Maria Cammarosano Onofre. Nesta pesquisa, buscamos também abordar a questão da ação educativa em museus.

Ao longo do tempo em que exerci a atividade de monitora no Museu, acompanhei visitantes de diferentes faixas etárias, contextos sociais e culturais. Nesta experiência, foi possível vivenciar diversas situações de aprendizagem, demonstradas pelo público através de suas reações e de seu comportamento frente ao material presente no espaço em questão. Algumas das pessoas, por exemplo, “idolatravam” as peças e comentavam sobre elas como se elas fossem partes de suas vidas, partes de si mesmas. Outras diziam que alguns dos objetos presentes ali suscitavam memórias e lembranças sobre fatos marcantes de suas vidas, em especial, sobre momentos de sua infância. Algumas crianças, por sua vez, demonstravam surpresa ao tomar contato com objetos que já não faziam parte de seu cotidiano, mas que há um tempo fizeram parte do cotidiano de seus avós, de seus familiares e conhecidos de outras gerações.

Tendo em vista as discussões acima descritas, a experiência proveniente das monitorias no museu, dos comentários e das conversas com os visitantes e de minhas observações, foi que passei a me interessar na realização de uma pesquisa que pretendesse mostrar quais as expectativas das pessoas, em especial, das crianças que vão visitar o museu. O que elas sentem e/ou aprendem ao olharem as peças? Que sensações os objetos despertam nelas? Sentem prazer, tédio, nostalgia? Enfim, fui, durante esse tempo, cultivando a curiosidade e uma

necessidade de sistematizar aquilo que eu observava no meu estágio e de estruturar um projeto no qual fosse possível coletar dados e analisá-los com base em uma fundamentação teórica e científica.

Para esta fundamentação teórica e científica, buscamos ajuda em alguns teóricos, entre os principais: Paulo Freire; Cristina Bruno; Angela Cardoso Guedes; José Moura Gonçalves Filho; José Amado Mendes; Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses e Maria de Lourdes Parreiras Horta. Além disso, buscamos subsídios para a pesquisa a partir das conversas e interações com diferentes sujeitos: com as crianças visitantes do museu, com professores e educadores, com as monitoras e as coordenadoras da instituição, em *sites* especializados, em palestras, em cursos de formação, por meio de pesquisas em documentos fornecidos pela instituição na qual a pesquisa foi desenvolvida, entre outros procedimentos.

No primeiro capítulo do presente trabalho, buscaremos apresentar, a partir das leituras e da pesquisa bibliográfica realizada, alguns aspectos da origem, da trajetória, da função e das diferentes concepções sobre o museu em nossa sociedade atual. No segundo capítulo, buscamos apresentar a pesquisa, delineando seus objetivos, metodologia e organização. No terceiro capítulo, buscamos contextualizar o espaço onde se dá a pesquisa: o Museu de São Carlos, apresentando sua proposta junto à comunidade são-carlense, como desenvolve seus trabalhos e projetos, entre outros. No capítulo quatro, será realizada a análise dos dados contidos nos questionários respondidos pelas crianças participantes da pesquisa, a partir da qual poderemos encontrar as respostas aos nossos questionamentos iniciais, os quais são:

- 1) Quais as expectativas das crianças, no momento em que visitam o Museu de São Carlos? O que elas esperam encontrar e/ou aprender neste local?
- 2) Que tipo de aprendizagens ocorrem no momento da visita monitorada e quais sentimentos, sensações, reflexões são (ou não) suscitados nas crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental, a partir da visita ao Museu?

A seguir, buscaremos apresentar ao leitor um panorama das idéias apreendidas a partir da pesquisa teórica realizada, na qual buscamos informações a respeito dos seguintes temas: Prática Educativa em museus; Educação Patrimonial; surgimento, trajetória, funções e papel social dos museus em nossa sociedade.

## 1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Angela Cardoso Guedes (2007) nos explica que o museu é uma instituição típica da Modernidade, sendo que o primeiro data de 1675. A autora afirma que a criação deste espaço está inserida no projeto democratizador do “movimento da modernidade”, o qual “confia na educação e na difusão da arte e dos saberes especializados para chegar a uma evolução racional e moral” (CANCLINI, apud GUEDES, 2007, p. 427). Contudo, assim como os arquivos e bibliotecas, Guedes (ibid) menciona que os museus estão ligados ao desejo ancestral do homem de sobreviver à morte, ao tempo, de transcender ao espaço e de transmitir informações às futuras gerações, por meio da salvaguarda de objetos.

Como exemplos deste desejo humano de preservar bens que representem suas memórias, a autora cita os objetos encontrados em escavações feitas em túmulos antigos (por exemplo: armas, instrumentos musicais, utensílios de toalete, jóias, ornamentos, tapeçarias e até mesmo brinquedos), os quais eram enterrados nas tumbas juntamente com os mortos, além de documentos antigos que explicitam os cuidados que se deveria ter com as tumbas, especialmente de pessoas que, em vida, foram considerados heróis ou símbolos de majestade, de divindade.

Além dos objetos funerários, Guedes (ibid) explica que, semelhantemente, as oferendas - objetos “sagrados” que passavam a não mais pertencer ao campo das atividades utilitárias, mas sim eram integrados a um recinto de adoração - deveriam ser expostas em templos religiosos ou mesmo nas residências de pessoas detentoras do poder, tais como faraós, reis, príncipes, entre outros. Esses objetos deveriam ser contemplados e admirados pelos peregrinos, e isto era parte de sua adoração nos templos. Guedes (ibid) afirma que já existiam na Grécia antiga e em Roma, as famosas relíquias, as quais eram: “Objetos que se crê que tenham estado em contato com um deus ou com um herói, ou que se pense que sejam vestígios de qualquer grande acontecimento do passado mítico ou simplesmente longínquo” (GUEDES, 2007, p. 425).

Isso se deu, segundo a autora, principalmente devido ao Cristianismo, com as relíquias dos homens santos, às quais eram atribuídas: a cura de doentes, a proteção das cidades, a vitória sobre inimigos, entre outras ações. Desta forma, as igrejas tornaram-se, além de local

de culto, espaços para expor relíquias e oferendas, tais como: cálices, altares, candelabros; e os doadores de tais objetos tinham como objetivo fazer conservar a sua memória às futuras gerações. Nas palavras da autora:

“Mobiliário fúnebre, oferendas, tributos, troféus, despojos, relíquias: objetos que perdem o seu uso cotidiano e, oferecidos aos mortos e aos deuses, são perpetuados, sacralizados; expostos ao olhar dos humanos, procedem a comunicação com o invisível, com as terras longínquas, trazem a memória das pessoas e dos acontecimentos de um tempo que já passou, revelam a capacidade extraordinária de artistas e desafiam a curiosidade e imaginação de quem os vê e, acima de tudo, integram o processo de transmissão cultural.” (GUEDES, 2007, p. 425).

A partir desta contextualização, como a instituição museu pode ser definida? Trata-se de:

“Qualquer estabelecimento permanente criado para conservar, estudar, valorizar pelos mais diversos modos e, sobretudo, expor para o deleite e educação do público, coleções de interesse artístico, histórico e técnico”. (HOLANDA, Aurélio B. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 1174).

Relacionado à definição de museu, Guedes (ibid) afirma que está o conceito de coleção:

“[...] qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial, num local fechado, preparado para este fim, e expostos ao olhar do público”. (POMIAN in RUGGIERO, 1977 apud GUEDES, 2007, p. 425).

Conforme explicação de Guedes (ibid), os museus surgem no século XVII, substituindo o papel da Igreja e da monarquia no que diz respeito à preservação e salvaguarda de coleções. Surgem os chamados “museus enciclopédicos”, os quais correspondiam ao

surgimento e ascensão de uma nova classe: a dos cientistas. Esses espaços eram vistos como “resumos do mundo” e eram destinados à elite, representada por especialistas e os “espíritos ilustrados”, como os humanistas e os artistas eruditos.

Guedes (ibid) acrescenta ainda que, a partir do século XIX, o poder das coleções foi transferido dos mortos, deuses ou príncipes para o poder do Estado-Nação, ou seja, a força das coleções passou a ser utilizada para fins políticos e de propaganda. Por exemplo, na França ocorreu a transformação de muitos palácios e igrejas em museus, como é o caso do Museu do Louvre. Desta forma, conforme explica a autora, com o fortalecimento dos Estados-Nação, ao longo dos séculos XIX e XX, verifica-se, em todo o mundo, o crescimento do número de museus. Em decorrência disto, são desenvolvidas também as áreas de estudo destinadas à pesquisa de objetos e coleções antigas (Arqueologia, Paleontologia, História da Arte, Etnografia, entre outras).

Desde seu surgimento, podemos verificar então o caráter elitista dos museus. Aliás, ainda hoje, embora haja um maior esforço de democratização do acesso a esses espaços, seu público ainda é restrito, conforme afirmação de Guedes (2007): “Apesar da intenção de democratizar o saber, verificamos que, na realidade, a arte moderna e os museus estão longe, em sua formação, de serem acessíveis a todos e qualquer cidadão” (p.430).

Contudo, por que é importante que todas as pessoas, todos os cidadãos e cidadãs, tenham acesso a essa instituição? Podemos encontrar a resposta para esta pergunta em um excerto de Pomian, ao explicitar a relação museu *versus* sociedade:

“Exatamente porque o museu é um depósito de tudo aquilo que de perto ou de longe está ligado à História nacional, os objetos que aí se encontram devem ser acessíveis a todos; e pela mesma razão devem ser preservados.” (POMIAN in RUGGIERO, 1977 apud GUEDES, 1997, p.426-427).

Pomian acrescenta ainda que os museus representam:

“(...) uma homenagem perpétua que ela [sociedade] rende a si própria, celebrando o passado em todos os seus aspectos, reconhecendo a contribuição dos vários grupos sociais, territoriais e profissionais que a compõe e exaltando os grandes homens nascidos no seu seio e que deixaram obras duradouras em todos os campos” (POMIAN in RUGGIERO, 1977 apud GUEDES, 1997, p.426-427).

Em linhas gerais, qual seria o principal objetivo de um museu histórico?

Meneses (1992) nos ajuda a refletir sobre esta pergunta em seu artigo: “Para que serve um museu histórico”. Nele, o autor chama a atenção para o objetivo deste local, afirmando que mais do que um lugar de celebração, de evocação da memória, ele tem como responsabilidade promover a consciência histórica nos cidadãos<sup>1</sup>. Sendo assim, para o autor, um museu histórico deveria ser uma instituição que se voltasse não apenas para os objetos históricos, mas sim para os problemas históricos. Neste caso, os objetos históricos teriam um papel de agentes intermediadores, que incitassem a reflexão e o encaminhamento de questões sociais. Nas palavras do autor:

“Por conseqüência, se um museu quiser efetivamente ser histórico, deverá, além de evocar e celebrar o passado, também organizar-se para que uma sociedade determinada possa ser entendida tal como ela se apresenta, isto é, organismo vivo, sujeito a mudanças. Assim, o museu histórico pode contribuir para o enriquecimento da consciência histórica, que é a percepção da vida social como produto da ação humana, que a gera e transforma.” (MENESES, 1992, p.7)

Meneses (ibid) cita em seu artigo um fato importante na história dos museus. Ele afirma que em 1968, ocorre na França uma Revolução Cultural, denominada “Maio de 68”. Esta revolução estendeu-se por boa parte do mundo e provocou um grande questionamento a

---

<sup>1</sup> Por “promover consciência histórica dos cidadãos” pode-se entender como despertar nestes o sentimento de pertencimento, dando voz aos seus direitos sociais.

respeito da importância dos museus. A principal crítica a esses espaços era justamente o seu caráter elitista, sendo estes acusados de “templos que armazenavam e sacralizavam os valores burgueses” (MENESES, 1992, p.3).

Conforme explica o autor, a aversão a esta instituição foi tal que na Europa e nos Estados Unidos chegou-se até a prever a “morte dos museus”, pois se defendia que estes espaços deveriam ser substituídos por locais que servissem ao questionamento, à discussão, ao confronto e à criação do novo, tais como o fórum e a praça pública.

Atualmente, entretanto, os museus gradativamente têm sido dotados de outras significações, as quais buscam considerar sua complexidade e suas diferentes funções e, apesar das especificidades de cada um, possuem em comum o fato de se constituírem: “(...) sempre um espaço que estabelece uma intermediação institucionalizada entre indivíduo e objetos materiais” (MENESES, 1992, p.3).

O museu histórico também nos ajuda a compreender de forma mais profunda o significado dos objetos materiais produzidos pelo homem social. Desta forma, quando visitamos uma exposição, podemos perceber tais objetos como portadores de um valor social, na medida em que são frutos de vontades e/ou necessidades humanas, individuais e/ou coletivas. As significações desses objetos não são geradas por eles próprios, mas sim pela sociedade, ou seja, as significações das coisas materiais são sempre atribuídas pelos grupos sociais que as produzem e modificam constantemente. (MENESES, 1992).

Sobre esta questão, Meneses (ibid) explica que, em nossa vida cotidiana, estamos o tempo todo em contato com inúmeros objetos físicos, porém a consciência que temos desses objetos é descontínua e superficial. Diante disso, o museu, ao contrário, nos ajuda a ver com mais atenção aquilo que nossos olhos deixam passar no cotidiano, tornando essa relação com o objeto mais consciente.

O autor ainda explica que, diferentemente do que ocorre em lojas ou supermercados em nossa sociedade de consumo, nos quais os objetos são vistos e percebidos enquanto mercadoria, enquanto artefato de utilidade, nos museus, pretende-se ver os objetos a partir de outro valor: como documentos que fornecem informações, despertam sonhos, favorecem a contemplação estética, a expansão da afetividade, o exercício lúdico, entre outros.

Para melhor compreender o papel dos museus na atualidade, Guedes (2007) se utiliza das reflexões e estudos de Bourdieu, mais especificamente seus estudos a respeito da formação

do mercado de bens simbólicos em nossa sociedade. A autora, com base em Bourdieu, explica que na Modernidade há o desenvolvimento do mercado de bens simbólicos e ocorre a sua progressiva “autonomização”, ou seja, estes bens deixam de estar sob a tutela da realeza ou da Igreja e a produção cultural passa a funcionar com produtores e consumidores, de forma que apenas determinados grupos passam a ter acesso a estes bens simbólicos e a usufruir destes.

Desta forma, para a autora, a separação dos grupos entre os que têm acesso aos bens simbólicos e os que não o tem contribui para a manutenção da desigualdade social e para a reprodução da ordem vigente (mundo dividido entre dominantes e dominados), na medida em que exercem a violência simbólica, processo pelo qual cada pessoa é socializada de modo a ocupar o lugar que “lhe é devido” na sociedade.

Guedes (ibid) menciona que, para Bourdieu, espaços como os museus representam, no campo da produção cultural erudita, espaços em que a cultura dos grupos sociais dominantes é legitimada por meio da estrutura das relações de forças simbólicas, ou seja, estes espaços têm como objetivo preservar, conservar e consagrar valores representados pelos bens simbólicos de grupos que os produziram e/ou conservaram.

Este caráter dos museus pode ser facilmente percebido, por exemplo, quando seus discursos, suas exposições, seus modos de representação e explicação da realidade funcionam como legitimação da cultura da elite, pois na maioria das vezes o que é representado, exposto em tais espaços corresponde, por diversos motivos, às memórias de grupos sociais dominantes, em detrimento de memórias de grupos com menor representatividade e prestígio social. Isto evidencia também o caráter não-neutro dos museus, de forma que sua organização, assim como as outras instituições da sociedade, existe em função de ideologias, interesses e visões políticas e de mundo determinadas. Conforme afirma Guedes (ibid):

“É preciso, portanto, estar consciente de que a incorporação de um objeto ao acervo de um museu não é uma seleção isenta de juízos de valores, de influências sociais, políticas, econômicas e culturais de cada época e dos processos de luta e de violência simbólica. Nem são as exposições discursos imparciais, desvinculados das forças que atuam no mercado de bens simbólicos” (GUEDES, 2007, p. 431).



Podemos encontrar também, no artigo de Amorim (2007), intitulado “Arruando pelos lugares: as excursões históricas e de Educação Patrimonial”, uma citação de Canclini, a qual contribui no sentido de pensarmos a questão do caráter substancialmente elitista e não-neutro dos museus:

“Os bens reunidos na História, por cada sociedade, não pertencem realmente a todos, mesmo que formalmente pareçam ser de todos e estejam disponíveis para que todos os usem [...]. As desigualdades em sua formação e apropriação exigem estudá-lo também como espaço de luta material e simbólica entre as classes, as etnias e grupos.” (CANCLINI, 2000 apud AMORIM, 2007, p.349).

O conjunto das memórias e lembranças suscitadas nos visitantes pelos bens materiais presentes em um museu constitui o nosso Patrimônio. Sobre o conceito e significado desta palavra, Maria de Lourdes Parreiras Horta (2008) explica que Patrimônio é algo herdado de nossos pais e nossos antepassados, o qual nos foi legado e que devemos transmitir às gerações futuras.

Para Horta (ibid), o Patrimônio pode ser, por exemplo: nossa riqueza cultural, individual e coletiva, nossa memória, nosso sentido de identidade, o que distingue e “marca” a nossa cultura, o que nos aproxima de nossos semelhantes e nos ajuda a desenvolver o sentimento de pertencimento e de identidade. No entanto, a autora coloca que nem sempre essa “herança” é reconhecida pelas pessoas. Por isso, a Educação Patrimonial se faz necessária, na medida em que busca tornar evidente e percebido este Patrimônio. Para a autora, através da Educação Patrimonial, podemos compreender melhor nosso passado e, assim, compreendermos o presente e projetarmos nosso futuro.

A Educação Patrimonial, segundo Horta (ibid), trabalha com qualquer evidência material ou manifestação da cultura, tais como: um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual. Assim, é possível perceber que o objeto de trabalho da Educação Patrimonial diz respeito a toda e qualquer expressão resultante da relação entre indivíduos e seu ambiente.

Segundo a mesma autora, a Educação Patrimonial pode ser um instrumento de “alfabetização cultural”, que auxilia o indivíduo a realizar a leitura do mundo que o rodeia, a compreender o universo sociocultural e a trajetória histórico-temporal na qual está inserido. Para Horta (ibid) esse processo leva ao desenvolvimento da auto-estima dos indivíduos e comunidade e à valorização de sua cultura, através do reforço e da capacitação para o exercício da sua “auto-afirmação”.

Bruno (1996), ao tratar da questão do Patrimônio Histórico, o qual se faz presente também nos museus, menciona a necessidade de se:

“(…) compreender o comportamento individual e/ou coletivo do homem frente ao seu patrimônio e por outro lado, desenvolver mecanismos para que a partir desta relação o patrimônio seja transformado em herança e esta, por sua vez, contribua para a necessária construção das identidades (individuais e/ou coletivas)” (BRUNO, 1996, p.17).

Além do conceito de patrimônio material, temos o chamado patrimônio imaterial, ou “patrimônio vivo”. Segundo Horta (ibid), o Patrimônio vivo refere-se às manifestações culturais de determinada sociedade. Como exemplos de patrimônio vivo na sociedade brasileira, a autora cita: artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias e fabricar objetos de uso, a culinária, as danças e músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas populares, as relações sociais e familiares, as canções, as histórias e lendas contadas de geração em geração, entre outros.

Horta (ibid) explica também que a cultura é um processo dinâmico que se transmite de geração em geração e se cria e recria nas práticas cotidianas. A autora acrescenta que é nesse processo dinâmico de socialização na cultura que cada pessoa aprende a construir sua própria identidade.

Semelhantemente, a mesma autora menciona que é importante observar que todo objeto cultural traz consigo um complexo sistema de relações e conexões sociais, o que nos permite descobrir o contexto histórico em que foi produzido, qual a utilização e quais significados lhe eram atribuídos pela sociedade que o criou. Assim, o objetivo da Educação Patrimonial, segundo a autora, seria auxiliar na busca pela descoberta dessa rede de

significados e relações e dar sentido às evidências culturais, na medida em que os estudos dos bens e objetos culturais nos permitem inferir sobre os modos de vida das pessoas no passado e no presente, facilitando a percepção e a compreensão dos fatos e dos fenômenos culturais. Para isso, afirma a autora, os objetos culturais devem ser explorados a partir de sua “trajetória no tempo” - desde a sua criação, função, usos originais e posteriores transformações e re-significações ao longo deste trajeto.

Pode-se afirmar que, assim como o reconhecimento e percepção do Patrimônio Cultural, a questão da sua valorização está ligada à maneira como cada indivíduo estabelece relação com sua memória, pois ao lembrar e refletir sobre acontecimentos do passado, sobre vivências coletivas em sua comunidade, bairro ou país, cada pessoa adquire maiores condições de construir sua própria identidade (individual e/ou coletiva).

Ao tratar da experiência entre o Olhar e a Memória, Gonçalves Filho in Novaes (1988) explica que a memória “instaura um desequilíbrio na relação com o presente e com o futuro” (GONÇALVES FILHO in NOVAES, 1988, p.95). O mesmo autor afirma também que a memória está ligada às relações entre as gerações, interferindo nas organizações das sociedades e também em nossa maneira de analisar situações ou coisas, tais como: casas, objetos que nos marcaram ou até locais de nossa cidade. Entre esses locais, encontra-se o museu.

A forma como as pessoas tratam suas memórias (suas próprias e as do grupo social a que pertencem) se reflete até mesmo no cuidado que se tem com os espaços coletivos, por exemplo, os espaços das cidades, tais como: ruas, praças, rios, casas, edifícios, entre outros. FREIRE (1993), afirma que todas as pessoas, ao estabelecerem relações com seus semelhantes e com o espaço coletivo onde vivem, deixam nestes espaços “o selo de certo tempo, de certo estilo, o gosto de certa época” (FREIRE, 1993, p.22). Portanto, o museu pode ser entendido como uma forma de expressão das memórias e dos acontecimentos compartilhados pelos diferentes grupos sociais ao longo da história.

Uma experiência relacionada à questão da memória dos grupos de uma comunidade pode ser observada no relato de Margareth Brandini Park (2000), a respeito de um projeto realizado com o apoio do Departamento de Educação, Cultura e Ação Social da Prefeitura Municipal de Jarinu/SP, em parceria com o Centro de Memória da Unicamp, em abril de 1998. Este projeto, conforme explica Park (ibid), foi realizado na Rede Municipal do município

citado e teve como objetivo montar uma exposição que trabalhasse a memória dos bairros. Esta exposição envolveu um trabalho de busca de “causos”, cantigas, brincadeiras e histórias coletadas com avós, pais, mães, tios e funcionários das escolas e alunos de toda a comunidade. Para a autora, cada participante pôde, através do projeto, ver-se, reconhecer-se como parte da História, apropriando-se de um passado que pode oferecer maior contribuição no presente.

A seguir, são retomadas breves considerações sobre a história e sobre aspectos da trajetória percorrida pela instituição “museu” ao longo do século XX:

Conforme explica Mendes (2003), as origens do museu remontam à Civilização Grega. Esta instituição, segundo o autor, sempre esteve ligada às elites e tinha como função a preservação do patrimônio cultural e da memória. Mendes (ibid) acrescenta que, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, o museu passa por mudanças que progressivamente vão descaracterizando sua tradição elitista e minoritária, passando a ser mais acessível às camadas populares.

Ainda segundo o mesmo autor, a partir da década de 60, o caráter educativo dos museus se torna mais evidente, tornando-se esta uma matéria de estudo e de reflexão na sociedade. Surge então, uma mudança de foco: passa-se de uma política museística, voltada para o objeto, para o patrimônio (sua preservação e aquisição) para a centralidade no visitante, no sujeito que desse patrimônio pode usufruir. Devido a essa mudança de foco, as ações dos museus passam a ser repensadas, considerando-se sempre o problema do acesso dos públicos à arte e à cultura.

Mendes (ibid) menciona que, analisando a história recente dos museus, verificam-se três tendências, explicitadas a seguir:

- I. Fase Inicial (primeiras décadas do século XX): ênfase absoluta na salvaguarda do patrimônio museológico (preservação das peças e dos documentos).
- II. Fase Intermediária (meados do século XX): passa-se a se considerar o museu um local “multifacetado”, ou seja, capaz de desempenhar múltiplas funções, como por exemplo: de adquirir, conservar, comunicar e apresentar testemunhos materiais do homem e de seu meio, com o fim de estudo e educação.

III. Fase Atual (últimas três décadas do século XX): função de destaque é a função educativa dos museus, com ênfase na difusão de conhecimentos, no despertar da curiosidade dos sujeitos que o visitam, além da promoção da sensibilidade estética.

Ao discutirmos a respeito do caráter educativo dos museus, é importante considerar que neste espaço, diferentemente do espaço da escola, desenvolvem-se práticas sociais e processos educativos que fazem parte do âmbito da “educação não-formal”<sup>2</sup>, ou também chamada educação não-escolar. Esta categoria de educação diz respeito a todos os processos educativos que ocorrem em espaços não escolares, em espaços coletivos onde há processos interativos intencionais. O museu, então, é um exemplo de local com tais características.

Lopes (1991) chama atenção para o fato de que a proposta educativa dos museus é de natureza diferente da proposta educativa das escolas. A autora explica que, enquanto a escola geralmente baseia seus conhecimentos científicos, artísticos e históricos em uma ordem seqüencial, com esquemas de urgência de aprendizado, em prazos e planejamentos, na maioria das vezes fixos e burocráticos, os museus, por sua vez, não seguem (ou não deveriam seguir) esta ordem escolar, podendo assim, possibilitar que as pessoas interpretem as coleções de acordo com sua própria leitura da realidade, de acordo com os trajetos em seu interior, de suas preferências, de seus referenciais, ou seja, os museus possibilitam uma forma de aprendizado muito diferente, muito própria.

Lopes (ibid) denomina “escolarização” nos museus, a incorporação por estes das finalidades e métodos do ensino escolar. Segundo a autora, isso tem um aspecto negativo na medida em que os museus passam a “substituir” a escola em funções as quais ela não consegue administrar, além de reduzir a função dos museus a um simples “ilustrar” dos programas das disciplinas ministradas no ambiente escolarizado.

Ao concluir sua análise, a autora afirma que não discorda da contribuição que os museus podem oferecer às escolas ou vice-versa, ou seja, ela acredita que essas instituições podem trabalhar em estreita cooperação e assim contribuir na aprendizagem e na formação do cidadão. Todavia, esses dois espaços precisam ser considerados em sua especificidade, de forma que um não seja submetido às formas e sistemas do outro. Desta forma, a autora

---

<sup>2</sup> Sobre o conceito de educação não-formal, ver: GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38, jan./mar 2006.

acredita que tanto a escola como o museu e, principalmente, as duas instituições juntas, trabalhando de forma cooperativa, possam contribuir na busca por referenciais para se descobrir e desvendar o mundo.

Sendo assim, podemos inferir, a partir dos trabalhos desses autores, que o museu se constitui em um espaço onde podemos, através dos bens culturais ali expostos, nos reconhecermos como parte da história, como sujeitos que construímos a história do mundo o tempo todo. Além disso, o museu pode ser visto como um espaço que nos ajuda a compreender o passado e, assim, fornecer subsídios para a compreensão do presente, para a reflexão e atuação frente aos problemas históricos e sociais atuais de nossa sociedade.

Após breve revisão bibliográfica a respeito da trajetória, funções e caráter educativo dos museus, propomo-nos, no capítulo seguinte, apresentar o propósito de nossa pesquisa, delineando seus objetivos, a metodologia utilizada, o espaço onde ela foi desenvolvida e quais foram os sujeitos participantes.

## **2. A PESQUISA: APRESENTAÇÃO, OBJETIVOS E METODOLOGIA.**

Esta pesquisa tem por objetivo identificar e analisar os processos educativos vivenciados por um grupo de crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental (antiga segunda série) de uma escola da rede privada de ensino do município de São Carlos-SP, no momento da visita monitorada ao Museu de São Carlos.

Pretende-se identificar as expectativas, as aprendizagens, as reações, os sentimentos das crianças participantes no momento da visita monitorada no espaço. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual são utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados: questionários, diários de campo, observações, registros escritos, que são posteriormente analisados com base em literatura específica.

Conforme mencionado na introdução do presente trabalho, esta pesquisa surgiu das inquietações e perguntas que foram sendo construídas a partir da prática como monitora cultural do Museu de São Carlos-SP, durante o ano de 2006. Ao longo da experiência que tive como monitora do espaço em questão, do contato com os visitantes, funcionários do Museu e demais educadores, passei a considerar o espaço do Museu como um espaço de múltiplas aprendizagens e, desta forma, fui cultivando a vontade e a necessidade de sistematizar as observações, as reflexões advindas do estágio e coletar dados de forma mais sistemática a fim de comprovar o caráter educativo do Museu, sendo esta a hipótese inicial.

Dentre os questionamentos que foram surgindo a partir da prática como monitora do Museu de São Carlos e da interação com os diversos públicos, encontram-se:

- 1) Quais as expectativas das crianças, no momento em que visitam o Museu de São Carlos? O que elas esperam encontrar e/ou aprender neste local?
- 2) Que tipo de aprendizagens ocorrem no momento da visita monitorada e quais sentimentos, sensações, reflexões são (ou não) suscitados nas crianças das séries iniciais do ensino fundamental, a partir da visita ao Museu?

Desta forma, buscamos, neste trabalho, encontrar possíveis respostas a essas questões, enquanto outras tantas foram suscitadas, ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Para a fundamentação teórica e científica, como colocado anteriormente, buscamos auxílio em

trabalhos de alguns teóricos, entre eles: Paulo Freire; Cristina Bruno; Angela Cardoso Guedes; José Moura Gonçalves Filho; José Amado Mendes; Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses e Maria de Lourdes Parreiras Horta.

Além disso, buscamos subsídios para a pesquisa a partir das conversas e interações com diferentes sujeitos: com as crianças visitantes do Museu, professores e educadores, monitoras e coordenadoras da instituição, em *sites* especializados, palestras, cursos de formação, por meio de pesquisas em documentos fornecidos pela instituição na qual a pesquisa foi desenvolvida, entre outros procedimentos.

O primeiro passo para o desenvolvimento da pesquisa foi a conversa com as coordenadoras da instituição, a fim de delimitar os sujeitos participantes. Assim, após a análise das possibilidades que tínhamos, considerando-se prazos estabelecidos para a entrega do presente trabalho, rotina e demandas do museu, entre outros fatores, optamos por uma turma do terceiro ano do ensino fundamental, da rede privada do município de São Carlos-SP. Nesse sentido, é importante explicitar que a intenção inicial da pesquisa era tomar uma turma de alunos de uma escola da rede pública de ensino, mas esta opção não foi possível tendo em vista que a visita ao museu ocorreria apenas nos meses posteriores a outubro de 2008.

Semanas antes da visita propriamente dita ao museu, dirigi-me à escola indicada a fim de estabelecer contato com a mesma, explicar os objetivos da pesquisa e pedir permissão da comunidade escolar para a aplicação de dois questionários, a serem respondidos pela turma que estava agendada para a realização da visita monitorada ao museu, bem como pedir a autorização por escrito dos seus pais ou responsáveis para a participação das crianças.

Com respeito aos dois questionários a serem respondidos pela turma, um deles seria aplicado dias antes da visita, a fim de procurar identificar as expectativas e as noções prévias das crianças com respeito ao espaço a ser visitado e o segundo, por sua vez, seria posterior à visita, a fim de verificar quais aprendizagens foram obtidas pelas crianças e de que maneira a instituição atingiu (ou não) suas expectativas iniciais.

A turma indicada para a participação é composta por aproximadamente 18 (dezoito) crianças e, destas, 14 (quatorze) obtiveram a autorização dos pais para a sua participação. Das 14 (quatorze) crianças, 07 (sete) são meninas e 07 (sete) são meninos. Trata-se de crianças, em sua maioria, provenientes da classe média a alta e cursantes do terceiro ano (antiga segunda série) do Ensino Fundamental, em uma escola da rede privada do município de São Carlos-SP.



Após o primeiro contato com a escola, com a turma, com a sua professora e a realização do primeiro questionário, acompanhei, sob a supervisão e autorização da escola e dos pais, a turma durante o trajeto até a chegada ao Museu de São Carlos, durante a visita monitorada e também no trajeto de volta à escola. Permaneci o período todo na sala aula, a fim de conhecer melhor as crianças e observar seu comportamento, suas reações e comentários a respeito da visita realizada.

O primeiro questionário respondido pelas crianças, anterior à visita ao museu, constava das seguintes questões:

1. Você já visitou algum museu? Qual ou quais?
2. O que você acha que podemos aprender indo a museus?
3. O que você acredita que vai encontrar no Museu de São Carlos?
4. Em sua opinião, para que serve um museu?

O segundo questionário, posterior à visita, constava das seguintes questões:

1. Você gostou de visitar o Museu de São Carlos? Por quê?
2. Você aprendeu muitas coisas no Museu? Conte o que você mais aprendeu.
3. Você se lembra de algum objeto que você viu no Museu de São Carlos? Conte o que você sentiu quando olhou para ele.
4. Por que será que as pessoas visitam os museus?
5. Conte com suas palavras o que aconteceu na visita ao Museu de São Carlos.

Além da análise das respostas dos questionários, feita com base em fundamentação teórica adotada; a participação durante a visita das crianças ao Museu e também o contato (prévio e posterior à visita) com elas no espaço da escola, também se constituíram fontes importantes para a coleta de dados, pois, por meio desse contato, foi possível identificar algumas das expectativas, das reações e dos sentimentos das crianças frente aos bens culturais presentes no espaço em questão.

Os procedimentos para a realização da pesquisa, portanto, foram divididos em três momentos, conforme explicitado abaixo:

a) No primeiro momento, houve o contato prévio com a escola e com a turma, para explicação da pesquisa, para conhecer os sujeitos participantes e para efetuar a realização do primeiro questionário, anterior à visita;

b) No segundo momento, as crianças, com a devida autorização da escola e dos pais, foram observadas durante o trajeto escola-museu e durante a sua participação em visita monitorada no espaço. Nesta observação, buscou-se identificar as reações, os comentários, os comportamentos, bem como as eventuais perguntas dos participantes da pesquisa frente às explicações e fala da monitora do museu. Tais informações foram anotadas, posteriormente, em diários de campo;

c) No terceiro momento, as crianças foram acompanhadas no momento da saída do museu, de volta à escola e responderam às questões contidas no questionário 02, com base em suas percepções e opiniões, na própria escola;

d) Por último, ocorreu a análise do aprendizado das crianças durante a visita. Para isso, foi feita análise das suas respostas aos questionários 01 e 02; das conversas informais das crianças entre si e dos registros em diários de campo, com base em literatura específica. Nestes registros, procurou-se as respostas às seguintes perguntas:

- Como foi esta experiência de visita ao Museu na perspectiva das crianças?
- O que de fato aprenderam neste espaço e como relacionaram a visita às suas experiências pessoais?
- De que gostaram e de que não gostaram?

Nos diários de campo produzidos, foram registrados as reações, os comentários e as perguntas dos participantes, a respeito da visita ao espaço. Nestes registros, buscou-se também identificar o que foi mais recorrente e digno de nota entre as crianças e quais as contribuições do trabalho para a ampliação de sua visão a respeito do papel educativo representado pelo museu em suas vidas.

Ao final do trabalho, pretende-se contribuir para que as crianças passem a se enxergar como sujeitos e proprietários de tais bens culturais, de forma a valorizá-los como produto de sua cultura, de sua geração, de seus semelhantes contemporâneos e antepassados. Além disso, espera-se que o trabalho desenvolvido na pesquisa contribua para uma melhor compreensão do

papel dos museus como espaços educadores em nossas sociedades, a partir do estabelecimento de uma relação mais próxima entre escola e museu, mantendo, porém, a especificidade de cada um desses espaços. Desta forma, acredita-se que o projeto seja capaz de buscar e contribuir para a geração de novas práticas de educação em museus.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi necessário também pesquisar aspectos referentes à instituição onde ela foi realizada, o Museu de São Carlos, a fim de buscar conhecer mais profundamente esta instituição, seu histórico e atuação no município, bem como os projetos desenvolvidos neste espaço, como são organizadas as visitas monitoradas e, principalmente, sob qual concepção educativa a instituição se apóia no desenvolvimento de seus trabalhos junto à comunidade são-carlense. É o que pretendemos apresentar no capítulo seguinte deste trabalho.

### **3. O ESPAÇO DA PESQUISA: O MUSEU DE SÃO CARLOS<sup>3</sup>**

O Museu de São Carlos está localizado na Estação Cultura, à Praça Antônio Prado s/n, no Centro do município de São Carlos-SP. Este espaço foi criado em 1951, com o objetivo de organizar um acervo referente à história do município de São Carlos. Em 1957, ocorre a sua inauguração, em comemoração ao centenário da cidade, tendo sido inaugurado inicialmente com o nome de “Museu e Patrimônio Histórico Municipal”.

Conforme verificado em documentos fornecidos pelo museu, esta instituição passou por um processo histórico conturbado e teve seu objetivo inicial descaracterizado ao longo dos anos, já que passou a guardar acervos provenientes de outras instituições da cidade, nem sempre referentes à história local. Como reflexos desta trajetória conturbada, em 1958, a instituição passou pela apropriação pelo Estado e passou a se chamar: “Museu Histórico e Pedagógico Cerqueira César”. Além disso, em 1990, o Museu foi alocado por dois anos no porão da Casa da Cultura, onde o seu acervo não recebeu os devidos cuidados, o que resultou na perda de várias peças. Finalmente, em 1992, o prédio da antiga Estação Ferroviária da cidade passou a sediar na sua parte térrea o museu. Contudo, seu acervo ainda era submetido à falta de critérios administrativos.

Conforme documentos e informações fornecidos pela instituição, a partir do ano de 2001, o museu vem somando esforços no sentido de que suas ações e objetivos sejam revitalizados de modo constante e efetivo. Para tanto, inicialmente buscou-se a consolidação documental e a conservação preventiva de seu acervo (salvaguarda). Em um segundo momento, passou-se à promoção da acessibilidade do público ao patrimônio representado por suas coleções.

Para que tais procedimentos fossem possíveis, foi necessária a capacitação do corpo técnico do Museu através de treinamentos que possibilitaram aos funcionários assumirem as tarefas de tratamento básico do acervo, tanto no que se refere à documentação, quanto à conservação preventiva das coleções. Essa primeira fase do trabalho incluiu a catalogação das peças e reestruturação da reserva técnica - aquisição de armários, mapoteca e estante para

---

<sup>3</sup> Texto adaptado de materiais e documentos fornecidos pelo Museu de São Carlos e pela Fundação Pró-Memória de São Carlos.

quadros. Além disso, o acervo foi organizado em quatro coleções: histórica, artes visuais, etnográfica/artigos indígenas e fotográfica.

Paralelamente ao trabalho de salvaguarda, são realizadas exposições que procuram oferecer ao público as linhas patrimoniais do acervo do Museu, promovendo a inserção social da comunidade são-carlense no processo de preservação da memória local. Atualmente o Museu de São Carlos passa por um processo de avaliação de suas funções culturais junto à sociedade. Sendo assim, as discussões da equipe técnica e do Conselho Municipal de Cultura visam à ampliação das relações entre a sociedade e o seu patrimônio cultural sob a guarda do Museu.

A exposição atual do Museu de São Carlos tem o seguinte título: *SÃO CARLOS EM MOVIMENTO: Trabalho, Transporte e Comunicação: 1880-1950*. Ela aborda aspectos da história do município, da região e do país, em particular os aspectos relacionados ao trabalho nas lavouras de café, os meios de transporte da época, sobretudo as ferrovias, e, por fim, os principais meios de comunicação da época e suas influências na formação da opinião pública dos cidadãos.

Esta exposição está, como descrito acima, concentrada nos três primeiros módulos (salas) do Museu. Os dois últimos módulos estão reservados à exposição artística, que tem como foco as obras do pintor Benedito Calixto. Nestas salas, são encontradas réplicas do pintor e também quadros originais, os quais foram retirados das paredes do Palácio Episcopal, antigo palácio da cidade, tendo este já sido demolido. Em anexo, podem ser encontradas informações mais detalhadas sobre a sala e a exposição atual do Museu de São Carlos (anexo III).

Após breves informações acerca da instituição na qual foi realizado o presente estudo, passamos, no capítulo seguinte, à análise quantitativa dos dados obtidos por das respostas das crianças aos questionários um e dois e a disposição dos mesmos em gráficos.

## 4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo, busca-se apresentar os dados obtidos a partir das respostas das crianças aos questionários 1 e 2, dispondo-os em gráficos comentados.

### 4.1 RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO 01.

Crianças participantes: 14 (quatorze).

Meninas: 07 (sete).

Meninos: 07 (sete).

**Questão número 01: “Você já visitou algum museu? Qual ou quais?”**

**Comentários:**

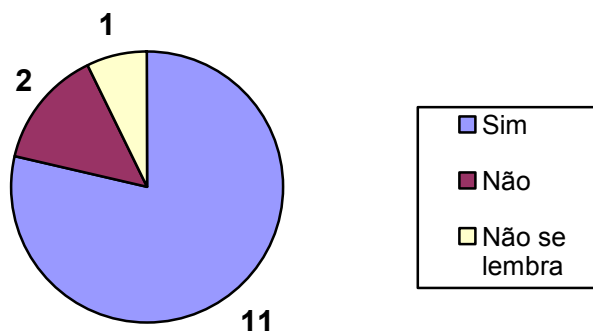
Em um universo de 14 (quatorze) participantes:

-11 (onze) crianças responderam que já haviam visitado algum museu em suas vidas.

-01 (uma) criança não se lembrava se já havia visitado algum museu.

-02 (duas) crianças afirmaram que nunca visitaram nenhum museu.

**Gráfico 01. Você já visitou um museu?**



### Parte 2 da questão: Número de museus visitados

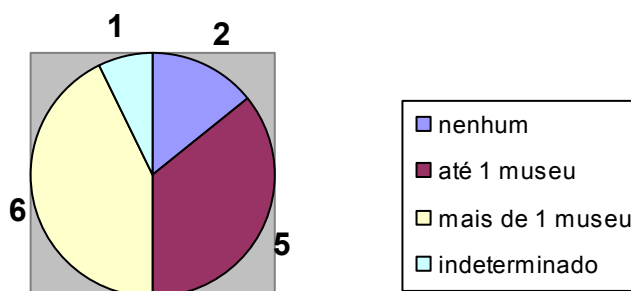
| N de museus visitados | Crianças |
|-----------------------|----------|
| 00                    | 02       |
| 01                    | 05       |
| Mais de 01            | 06       |
| Indeterminado         | 01       |

#### Comentários:

Em um total de 14 (quatorze) participantes:

- 02 (dois/duas) nunca haviam visitado um museu em suas vidas;
- 05 (cinco) visitaram até um museu em suas vidas;
- 06 (seis) visitaram mais de um museu em suas vidas;
- 01 (um/a) não respondeu claramente a questão.

**Gráfico 02. Número de museus visitados**



### Parte 3: Tipos de Museus visitados:

| Tipos de museus visitados | Museu de Aviação | Museu Histórico | Museu de História natural | Museu de Carros antigos | Sem especificação |
|---------------------------|------------------|-----------------|---------------------------|-------------------------|-------------------|
| Número de crianças        | 10               | 3               | 1                         | 1                       | 4                 |

#### Comentários:

Do total de 14 participantes:

-10 (dez) já visitaram museus de aviação;

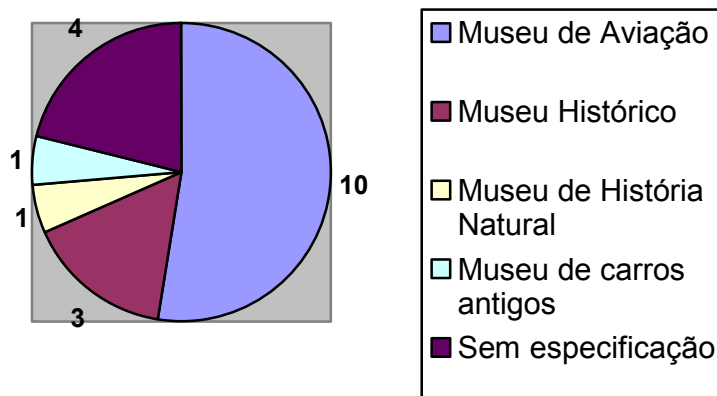
-3 (três) já visitaram museus históricos;

-01 (um/a) já visitou um museu de história natural;

-01 (um/a) já visitou um museu de carros antigos;

-04 (quatro) já visitaram museus, mas não especificaram de qual tipo.

**Gráfico 03. Tipos de museus visitados**



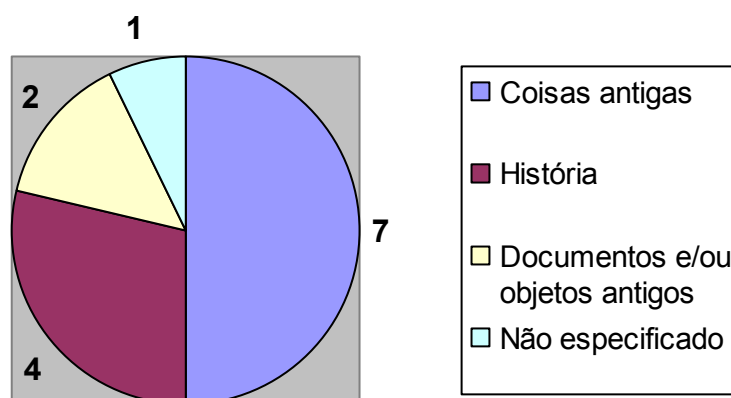


**Questão 2: “O que você acha que podemos aprender indo a museus?”****Comentários:**

Em um total de 14 (quatorze) participantes:

- Sete crianças afirmaram que podemos aprender sobre “coisas antigas” indo a museus;
- Quatro crianças afirmaram que podemos aprender sobre “História”;
- Duas crianças afirmaram que podemos aprender sobre “documentos e/ou objetos antigos”.
- Uma criança afirmou que podemos aprender “muitas coisas”, dependendo de cada museu visitado.

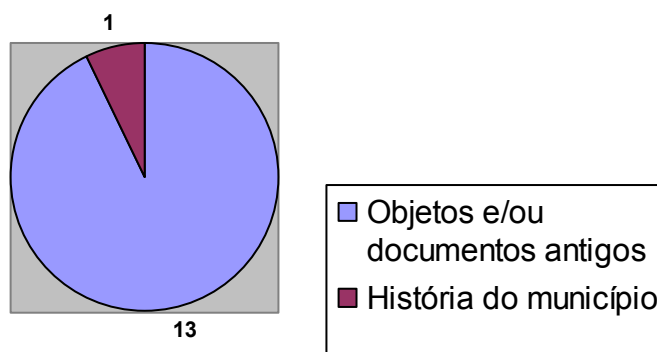
**Gráfico 04. O que se aprende em um museu?**



**Questão 03: “O que você acredita que vai encontrar no Museu de São Carlos?”****Comentários:**

-13 crianças afirmaram que vão encontrar documentos e objetos antigos no Museu de São Carlos.

-01 criança afirmou que encontraria coisas da história do município, descobertas, além de objetos antigos.

**Gráfico 05. O que as crianças acreditam que irão encontrar no Museu de São Carlos.**

## Parte II: Especificação dos objetos a serem vistos no Museu de São Carlos:

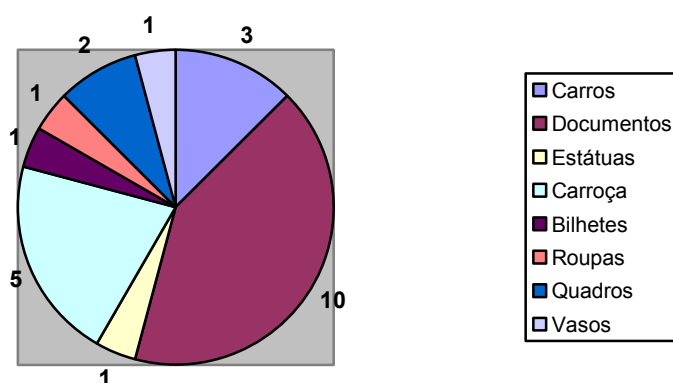
| Especificação dos objetos | Frequência dos objetos nas respostas das crianças |
|---------------------------|---|
| Carros                    | 03  |
| Documentos                | 10  |
| Estátuas                  | 01  |
| Carroça                   | 05  |
| Bilhetes                  | 01  |
| Roupas                    | 01  |
| Quadros                   | 02  |
| Vasos                     | 01  |

### Comentários:

Conforme disposto na tabela acima, em um total de 14 (quatorze) participantes:

- 03 (três) afirmaram que encontrariam “carros” no Museu;
- 10 (dez) afirmaram que encontrariam “documentos antigos” no Museu;
- 01 (um/a) afirmou que encontraria “estátuas” no Museu;
- 05 (cinco) afirmaram que encontrariam uma “carroça” no Museu;
- 01 (um/a) afirmou que encontraria “bilhetes” no Museu;
- 01 (um/a) afirmou que encontraria “roupas” no Museu;
- 02 (dois/duas) afirmaram que encontrariam “quadros” no Museu;
- 01 (um/a) afirmou que encontraria “vasos” no Museu.

Gráfico 06. Especificação dos objetos a serem vistos no Museu de São Carlos



#### Questão número 4: Em sua opinião, para que serve um Museu?

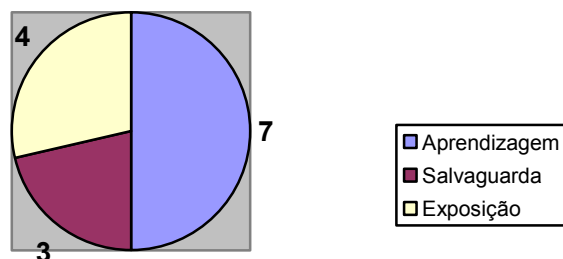
##### Comentários:

Em um total de 14 (quatorze) participantes:

- 7 (sete) crianças afirmaram que um museu serve para aprendizagem a respeito de coisas, objetos, ou história antiga;
- 3 (três) crianças afirmaram que um museu serve para guardar coisas ou objetos antigos;
- 4 (quatro) crianças afirmaram que um museu serve para mostrar coisas ou objetos antigos.

| Função de um museu | Número de crianças |
|--------------------|--------------------|
| Aprendizagem       | 07                 |
| Salvaguarda        | 03                 |
| Exposição          | 04                 |

Gráfico 07. Função de um museu na opinião das crianças



## 4.2 ANÁLISE DAS RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO 02.

Neste item, busca-se apresentar os dados obtidos das respostas das crianças ao questionário 2, dispondo-os em gráficos.

Crianças participantes: 14 (quatorze)

Meninas: 07 (sete)

Meninos: 07 (sete)

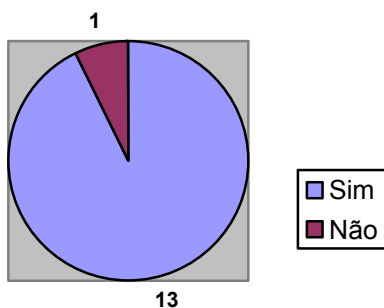
### Questão 1: “Você gostou de visitar o Museu de São Carlos?”

#### Comentários:

13 crianças responderam que gostaram da visita ao Museu. Uma criança respondeu que não gostou.

| Resposta | Número de crianças |
|----------|--------------------|
| SIM      | 13                 |
| NÃO      | 01                 |

**Gráfico 08. Crianças que gostaram e não gostaram do Museu de São Carlos**



## Parte II da questão: “Por que você gostou (ou não) da visita?”

### Comentários:

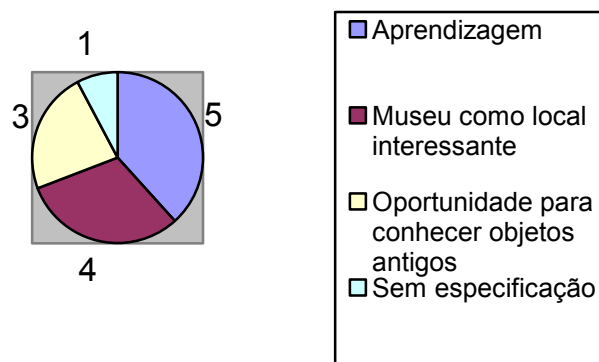
Em total de 14 (quatorze) participantes:

- 04 (quatro) crianças afirmaram que gostaram de visitar o Museu porque com a visita puderam aprender muitas coisas, por exemplo: sobre coisas antigas; coisas sobre a nossa vida (lembranças); coisas da cidade de São Carlos; coisas novas (que nunca vimos ou que não conhecíamos);
- 03 (três) crianças afirmaram que gostaram da visita ao Museu porque gostaram de ver: as fotos, os quadros, a carruagem e as peneiras. Duas crianças afirmaram que gostaram do filme que a monitora passou. (ênfase nos objetos)
- 04 (quatro) crianças enfatizaram que gostaram de visitar o Museu porque ele é um lugar “interessante”. Entre essas crianças, uma acrescentou que outro motivo para ela ter gostado do Museu foi o fato de este ser “limpinho” e que as obras de arte e os objetos são “lindos”. Outra criança acrescentou que o Museu é interessante porque nele encontramos coisas antigas e isso é muito “legal”.
- 01 (uma) criança afirmou que não gostou da visita ao Museu porque, segundo ela:
  - Não havia muitos artefatos preciosos, exceto quadros e outras coisas;
  - Não havia a devida segurança e proteção para com as peças/quadros originais (“qualquer um poderia com um lápis rabiscar”). Desta forma, a criança sugere que seja colocada uma moldura de vidro nos quadros para protegê-los.

Tabela com a explicitação dos motivos que levaram as crianças a gostarem ou não de visitar o Museu de São Carlos:

| <b>Resposta à questão</b> | <b>Nº absoluto de crianças</b> | <b>Motivos e freqüência com que apareceram nas respostas</b>   |    |
|---------------------------|--------------------------------|--|----|
| SIM                       | 13                             | Aprendizagem   | 5  |
|                           |                                | Museu como um lugar interessante-  | 4  |
|                           |                                | Oportunidade para conhecer objetos antigos   | 3  |
|                           |                                | Sem especificação  | 01 |
| NÃO                       | 1                              | Escassez de artefatos preciosos e necessidade de maior segurança e cuidado para com as peças originais | 1  |
| TOTAL                     | 14                             |  | 14 |

**Gráfico 09. Motivos por ter gostado do Museu de São Carlos**



**Questão 02: “Você aprendeu muitas coisas no Museu?”**

**Comentários:**

- 10 (dez) crianças afirmaram que aprenderam muitas coisas no Museu de São Carlos
- 01 (uma) criança afirmou que não aprendeu indo ao Museu de São Carlos;
- 03 (três) crianças afirmaram que aprenderam pouco/quase nada e “mais ou menos” no Museu.

**Gráfico 10. Grau de aprendizagem com a visita ao Museu de São Carlos na perspectiva das crianças**

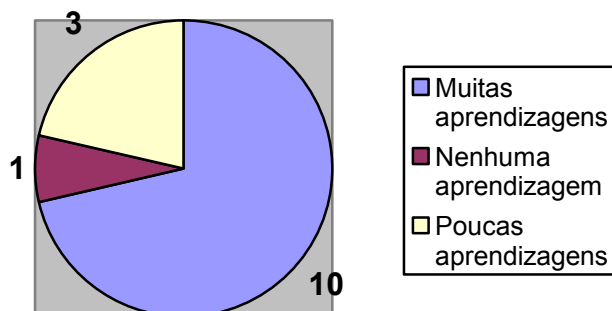


Tabela com as justificativas para a pouca e ou não-aprendizagem com a visita ao Museu de São Carlos:

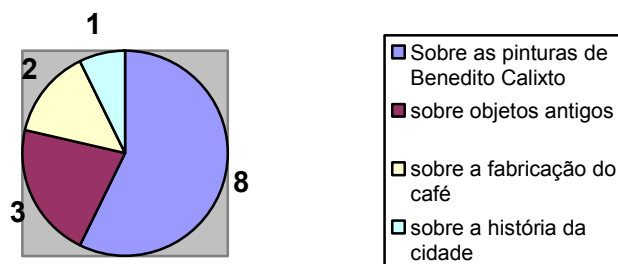
| Resposta             | Motivos  |
|----------------------|--|
| Pouca aprendizagem   | Semelhança com museus já conhecidos pela criança           |
|                      | Conteúdo exposto na monitoria considerado um pouco difícil |
| Nenhuma aprendizagem | Sem justificativa  |

### Parte II da questão: “Conte o que você mais aprendeu no Museu”

**Observações:** o número à frente da categoria indica quantas vezes essas categorias foram citadas nas respostas das crianças

- sobre a fabricação do café: 2
- sobre objetos antigos: 3
- sobre as pinturas de Benedito Calixto: 8
- História da cidade: 1

**Gráfico 11. Aprendizagens mais significativas para as crianças**



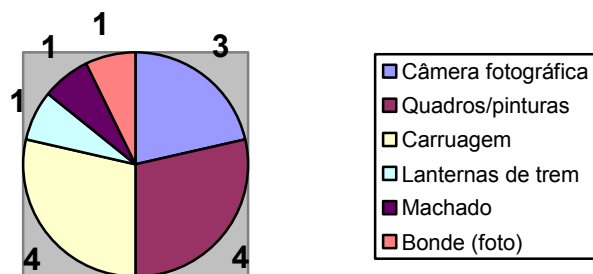


**Questão 3: “Você se lembra de algum objeto que você viu no Museu de São Carlos?”**

**Observação:** o número ao lado da categoria indica quantas crianças citaram esses objetos em suas respostas:

| <b>Objetos que mais chamaram a atenção das crianças</b> | <b>Número de crianças</b> |
|---|---------------------------|
| Câmera fotográfica                                      | 03                        |
| Quadros/pinturas  | 04                        |
| Carruagem   | 04                        |
| Lanternas de trem                                       | 01                        |
| Machado (ferramenta utilizada na produção cafeeira)     | 01                        |
| Bonde (foto)  | 01                        |

**Gráfico 12. Objetos que mais chamaram a atenção das crianças**



**Parte II da questão: “Conte o que você sentiu quando olhou para ele (objeto).”**

| Sentimentos   | Frequência com que apareceu nas respostas das crianças |
|---|--|
| Susto   | 01   |
| Felicidade  | 01   |
| Admiração   | 01   |
| Suscitou lembranças                                     | 01   |
| Vontade de estar na época para utilizar os objetos      | 05   |
| Vontade de “entrar nas pinturas”                        | 01   |
| Emoção  | 01   |
| Bem-estar   | 01   |
| Relação do objeto com ação de pessoas que os utilizaram | 01   |
| Interpretação dos quadros                               | 01   |
| Nenhum sentimento                                       | 03   |

**Gráfico 13. Sentimentos das crianças ao olhar alguns objetos do Museu de São Carlos**

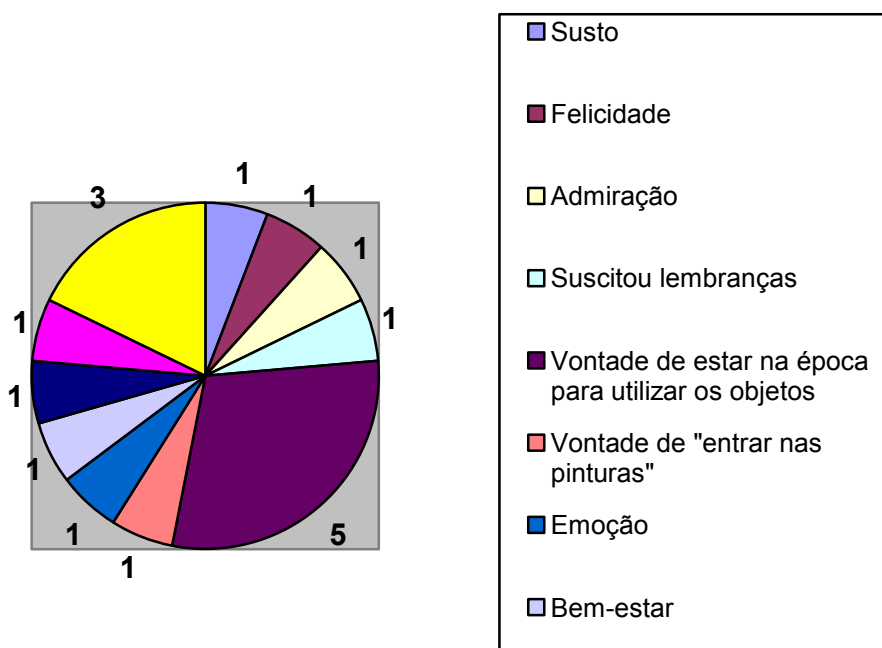


Tabela dos objetos que mais chamaram a atenção das crianças e os sentimentos associados a cada um deles.

| <b>Sentimento/<br/>Objetos</b>                                      | Câmera<br>fotográfica | Quadros/<br>pinturas | Carruagem | Lanternas de<br>trem | Machado<br>(ferramenta<br>utilizada na<br>produção<br>cafeeira) | Bonde<br>(foto) |
|---|-----------------------|----------------------|-----------|----------------------|---|-----------------|
| Susto   | X                     |                      |           |                      |   |                 |
| Felicidade  |                       | X                    |           |                      |   |                 |
| Admiração   |                       | X                    |           |                      |   |                 |
| Suscitou<br>lembranças  |                       |                      | X         |                      |   |                 |
| Vontade de<br>estar na época<br>para utilizar o<br>objeto           | X                     |                      | X XXX     |                      |   |                 |
| Vontade de<br>“entrar nas<br>pinturas”                              |                       | X                    |           |                      |   |                 |
| Emoção  |                       |                      |           | X                    |   |                 |
| Bem-estar   |                       |                      | X         |                      |   |                 |
| Relação do<br>objeto com<br>ação de<br>pessoas que os<br>utilizaram |                       |                      |           |                      | X   |                 |
| Interpretação<br>dos quadros  |                       | X                    |           |                      |   |                 |
| Nenhum<br>sentimento  |                       |                      |           |                      |   | X               |

**Questão 04: “Por que será que as pessoas visitam os museus?”**

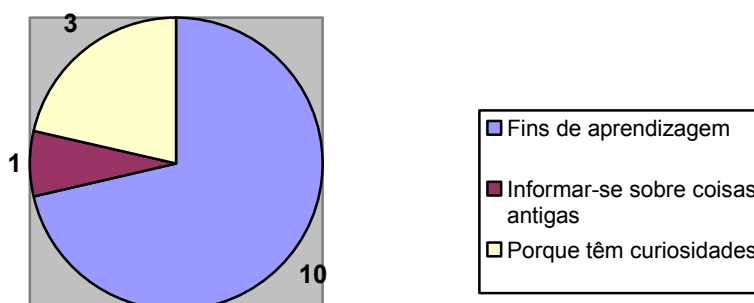
-Dez crianças afirmaram que as pessoas vão aos museus com fins de aprendizagem.

-Uma criança afirmou que as pessoas vão aos museus para se informar sobre coisas antigas da cidade;

-Três crianças afirmaram que as pessoas vão aos museus porque têm curiosidades.

| Motivos                                 | Crianças |
|---|----------|
| Fins de aprendizagem                    | 10       |
| Informar sobre coisas antigas da cidade | 01       |
| Porque têm curiosidades                 | 03       |

**Gráfico 14. Motivos pelos quais as pessoas visitam os museus**



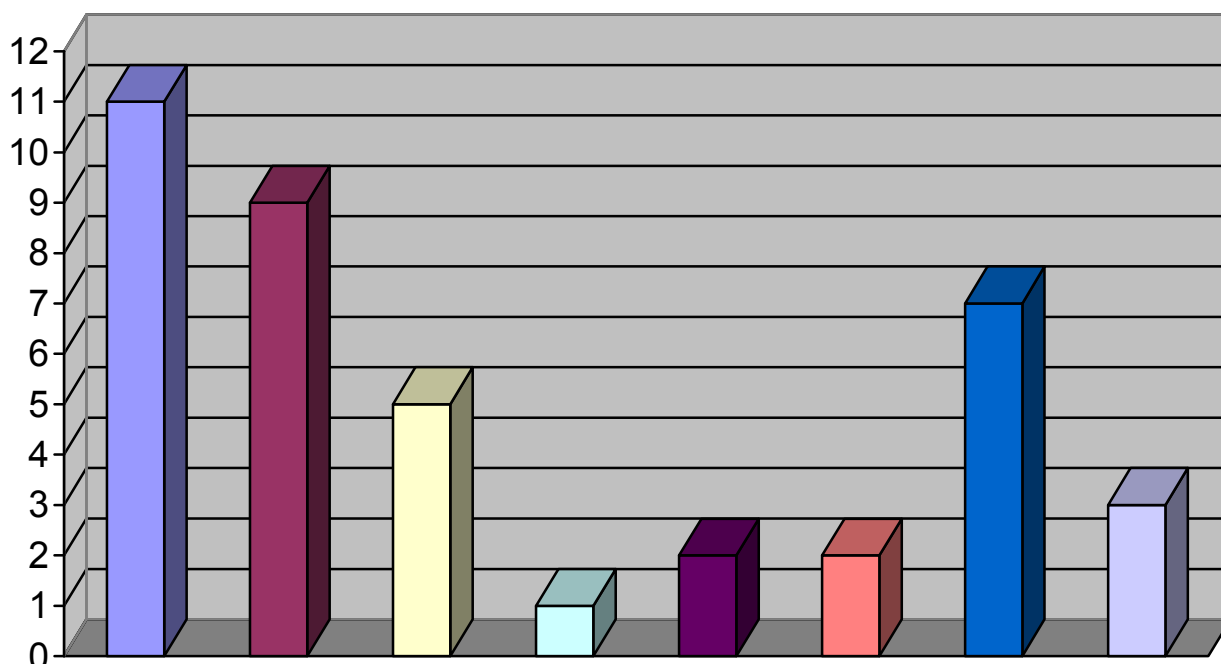
**Quadro com as especificações dos motivos que levam as pessoas a visitarem os museus na perspectiva das crianças:**

| Motivos              | Especificação                 | Frequência nas respostas |
|----------------------|-------------------------------|--------------------------|
| Fins de aprendizagem | Sobre obras e objetos antigos | 08                       |
|                      | Sobre o passado               | 02                       |
|                      | Pintores                      | 01                       |
|                      | Pessoas                       | 01                       |
| Informação           | Sobre as coisas antigas       | 01                       |
| Curiosidade          | Sobre objetos/coisas antigas  | 01                       |
|                      | Sem especificação             | 02                       |

**Questão 05: “Conte com suas palavras o que aconteceu na visita ao Museu de São Carlos”.**

| <b>Ênfase</b>  | <b>Frequência da categoria dos textos das crianças</b> |
|--|--|
| Aspectos descritivos das salas e dos objetos                                     | 11   |
| Fala e explicação da monitora  | 09   |
| Impressões pessoais sobre o Museu  | 05   |
| Relação do passado com o presente  | 01   |
| Relação dos objetos com sua contextualização histórica                           | 02   |
| História do município  | 02   |
| Recursos multimídia (vídeo explicativo)  | 07   |
| Aprendizagem sobre personalidades históricas (artistas, políticos, entre outros) | 03   |

## Aspectos enfatizados pelas crianças no texto livre-GRÁFICO 15



- Aspectos descritivos das salas e dos objetos
- Fala e explicação da monitora
- Impressões pessoais
- Relação do passado com o presente
- Relação dos objetos com sua contextualização histórica
- História do município
- Recursos multimídia(vídeo)
- Aprendizagem sobre personalidades históricas (artistas, políticos, entre outros)

## 5. ANÁLISE GERAL DOS DADOS

Após a análise quantitativa dos dados e disposição dos mesmos em gráficos, pretende-se, neste capítulo, efetuar a análise das respostas das crianças a partir do referencial adotado para este trabalho. Nesta análise, conforme disposto no capítulo 2, busca-se responder às seguintes questões de pesquisa:

1. Quais as expectativas das crianças quanto à visita ao Museu?
2. Quais foram suas aprendizagens após a visita?
3. Como relacionaram a visita às suas experiências pessoais?
4. Qual a concepção das crianças acerca da instituição museu, ou seja, qual a função deste espaço na perspectiva das crianças?

A partir das respostas das crianças ao primeiro questionário, mais especificamente suas respostas à questão número 01 (“Você já visitou um museu? Qual ou quais?”), verifica-se que a grande maioria delas já havia freqüentado pelo menos um museu em suas vidas (11 crianças em um total de 14) e 03 crianças nunca haviam visitado um museu ou não se lembravam a respeito. É importante ressaltar que esta informação é essencial para se analisar as aprendizagens e vivências das crianças no espaço em questão, visto que as experiências prévias que foram obtidas em um espaço semelhante influenciam as expectativas que se tem sobre o lugar, bem como oferecem repertório e subsídios para a compreensão do que se aprende no espaço.

Anny Lima (2007) discute a importância de se considerar os motivos e as expectativas do público no momento da visita ao museu. Ela menciona, com base em outros pesquisadores da área de Museologia, que a “experiência no museu” pode ser compreendida a partir de três contextos: o contexto pessoal, o contexto social e o contexto físico.

O contexto pessoal, mais especificamente, conforme explica a autora, está relacionado aos diferentes interesses, motivações, preocupações e perspectivas que cada visitante incorpora no momento da visita. Por exemplo, muitas vezes, um visitante pode focalizar na visita ao museu os aspectos de entretenimento, o prazer que sente na companhia de outros, os aspectos sensoriais do local, entre outros. De forma diferente, outro visitante pode estar mais preocupado com os aspectos formais das obras, como o estilo, o movimento artístico a que se referem ou mesmo com os aspectos descritivos da exposição. Outro contexto, por exemplo,

seria a visita de uma escola, na qual os estudantes estão realizando um projeto sobre determinado assunto e a visita ao museu seria considerada uma fonte de pesquisa para elaboração do mesmo. Desta forma, podemos inferir que cada visitante traz consigo objetivos e motivações diferentes para a visita, o que certamente influenciará sua aprendizagem a partir da mesma. Nas palavras de Lima (2007):

“O contexto pessoal de cada visitante incorpora graus variados de interesses, motivações e preocupações. Isso ajuda a determinar a natureza daquilo que um indivíduo aprecia, como gosta de passar seu tempo e que experiências procura para sua auto-satisfação. Isso significa que cada pessoa chega ao museu com uma ‘agenda pessoal’, isto é, uma série de expectativas e resultados antecipados para a visita. Compreender as diferenças no contexto pessoal ajudariam os educadores a prever muitas das diferenças na aprendizagem e no comportamento entre, por exemplo, os que visitam um museu pela primeira vez e os que são freqüentadores habituais; ou entre novatos e *experts* em um dado assunto.” (p.7).

Com relação às expectativas das crianças participantes da pesquisa a respeito da visita ao museu, ou seja, o que elas esperavam encontrar e/ou aprender nesse espaço, nota-se, a partir da análise do questionário 01 (anexo I), que a grande maioria delas esperava encontrar no museu objetos, coisas e documentos antigos, tais como: carros, documentos, estátuas, “carroça”, bilhetes, roupas, quadros e vasos. No entanto, é importante destacar que 01(uma) criança mencionou que esperava encontrar no museu aspectos da “história” de seu município.

Com relação às aprendizagens que podemos obter em um museu, das 14 (quatorze) crianças participantes, 09 (nove) responderam: aprendizagens sobre “coisas antigas”, 04 (quatro) mencionaram que podemos aprender sobre “história” e 01 (uma) criança explicou que podemos aprender sobre “muitas coisas nos museus”; contudo, explica que esta aprendizagem depende do tipo de museu e de quais conhecimentos este aborda.

Ao serem questionadas sobre qual seria a função de um museu, a metade das crianças (07) afirma que o museu existe para fins de aprendizagem e a outra metade menciona que ele serve para promover a exposição de objetos antigos e salvaguardá-los, preservá-los.



Podemos inferir a partir desta expectativa das crianças que a noção que a grande maioria delas tem a respeito da instituição museu está relacionada à idéia de que este espaço existe para aprendermos apenas sobre “coisas antigas”. Esta noção é ainda restrita, pois, como nos explica Meneses (1992), um museu histórico deveria ser uma instituição que se voltasse não apenas para os objetos históricos, mas sim para os problemas históricos. Neste caso, o autor explica que os objetos históricos teriam um papel de agentes intermediadores, que incitassem a reflexão e o encaminhamento de questões sociais.

Desta forma, quando as crianças afirmam, em resposta às questões do primeiro questionário, que no museu poderão aprender sobre “coisas antigas”, podemos inferir que não há um aprofundamento por parte delas da compreensão da complexidade da função de um museu, ou seja, esta instituição, segundo a grande maioria dos (as) participantes, daria ênfase aos objetos, aos bens e não à reflexão a respeito desses bens.

Mendes (2003) explica que no início do século XX os museus voltavam-se essencialmente à questão da salvaguarda dos bens culturais. Contudo, ao longo deste século, sua estrutura se modifica gradativamente e este passa a incorporar outras funções, além da preservação e salvaguarda das peças e dos documentos, tais como adquirir, conservar, comunicar e apresentar os bens culturais como testemunhos materiais do homem e de seu tempo. Desta forma, segundo Mendes (ibid), a partir da década de 60, surge uma mudança de foco: passa-se de uma política museística voltada para o objeto, para o patrimônio (sua preservação e aquisição) para a centralidade no visitante, no sujeito que desse patrimônio pode usufruir.

Assim, embora a salvaguarda e preservação de bens culturais seja uma de suas funções, não é a única, conforme podemos verificar no dicionário da língua portuguesa, o qual define a instituição “museu” da seguinte forma:

“Qualquer estabelecimento permanente criado para conservar, estudar, valorizar pelos mais diversos modos e, sobretudo, expor para o deleite e educação do público, coleções de interesse artístico, histórico e técnico”. (HOLANDA, Aurélio B. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.)

Desta forma, nota-se que o museu, além de guardar e expor objetos ou documentos antigos, tem a função de educar, de ensinar o público. Segundo Ulpiano T. Bezerra de Meneses (1992), por muito tempo os museus foram considerados locais de “contemplação”, ou seja, as pessoas apenas freqüentavam esses espaços para admirar, observar e contemplar objetos ali expostos. Contudo, o autor chama a atenção para a necessidade de tomarmos o espaço do museu como um espaço de reflexão, de questionamento e também um espaço fornecedor de subsídios para a compreensão da sociedade e de seus problemas históricos. Assim, o valor dos objetos expostos em um museu não está contido neles próprios, mas sim no sistema de relações que eles trazem consigo, na medida em que são frutos e testemunhos de ações e relações humanas.

As reflexões de Maria de Lourdes Parreiras Horta (2008) também nos ajudam a compreender melhor esta questão. A autora explica que todo objeto cultural traz consigo um complexo sistema de relações e conexões sociais, a partir do qual podemos descobrir o contexto histórico em que foi produzido, qual a utilização e quais significados lhe eram atribuídos pela sociedade que o criou. Assim, o objetivo da Educação Patrimonial, segundo a autora, seria auxiliar na busca pela descoberta dessa rede de significados e relações e dar sentido às evidências culturais, na medida em que os estudos dos bens e objetos culturais nos permitem conhecer sobre os modos de vida das pessoas no passado e no presente. Para isso, afirma a autora, os objetos culturais devem ser explorados a partir de sua “trajetória no tempo” - desde a sua criação, função, usos originais e posteriores transformações e re-significações ao longo deste trajeto.

Sendo assim, as ações de um museu, tais como a organização da exposição e das obras, o atendimento em visitas monitoradas, a organização dos materiais de apoio - legendas, murais explicativos, entre outras representam atividades de exploração do conteúdo do acervo, ou seja, daquilo que a exposição ensina, mostra, do que os materiais ali representam, evidenciam e não apenas têm como objetivo “mostrar” os bens culturais ali presentes.

Nota-se a partir das respostas das crianças ao questionário 2 que, embora as suas expectativas com respeito ao museu fossem restritas à observação de objetos ou coisas antigas, ou mesmo a aprendizagem sobre coisas antigas, alguns dos estudantes demonstram que a visita superou esta perspectiva. Por exemplo, é possível notar, por meio da análise das respostas, que algumas crianças, além de terem aprendido sobre “coisas antigas”, também

foram capazes de relacionar as experiências no museu as suas reflexões pessoais e também de contextualizar social e historicamente alguns objetos, identificando seu uso na época, função, quem possuía ou utilizava-os, além de classificar e comparar objetos, entre outras indicações. Isso pode ser exemplificado a partir de excertos de algumas respostas dos (as) estudantes, logo abaixo:

*“Primeiro, nós aprendemos sobre como era feito o café antigamente, depois nós vimos como as coisas foram melhorando...”*. (resposta à questão 05, contida no segundo questionário: “Conte com suas palavras o que aconteceu na visita ao Museu de São Carlos”).

*“Eu aprendi que algumas coisas antigas são grandes e outras são pequenas”* (resposta à questão 02 - questionário 02: “Você aprendeu muitas coisas no Museu? Conte o que você mais aprendeu.”).

*“Sim, o machado. Eu senti que eles cortavam muitas árvores”* (resposta à questão 03, do segundo questionário: “Você se lembra de algum objeto que você viu no Museu de São Carlos? Conte o que você sentiu quando olhou para ele.”).

A partir da análise do primeiro excerto acima, destaca-se que a estudante pôde estabelecer relação entre o passado (“como era feito o café antigamente”) e o presente (“como as coisas foram melhorando”), além de explicitar que esta melhora indica um processo, gradual e lento: “como as coisas foram melhorando”.

Ao serem questionadas sobre aquilo que mais aprenderam no espaço e sobre quais objetos teriam chamado mais sua atenção, as crianças frequentemente citaram os quadros e pinturas do artista Benedito Calixto. A partir da análise das respostas, foi possível perceber que algumas das crianças atribuíram significado às pinturas que viram, interpretando-as a partir de suas experiências pessoais. Além disso, algumas delas relacionaram os quadros e pinturas com sentimentos e sensações que estes suscitaram nelas. Isso pode ser verificado nos seguintes excertos:

*“O objeto foi o quadro dos anjos. Eu me lembrei sobre as pessoas boazinhas e as pessoas más”* (resposta à questão de número 3, do segundo questionário: “Você se lembra de algum objeto que você viu no Museu de São Carlos? Conte o que você sentiu quando olhou para ele.”).

Destaca-se, ainda sobre as afirmações das crianças a respeito das pinturas, um excerto relativo à resposta à questão 02, do segundo questionário- (“Você aprendeu muitas coisas no Museu? Conte o que você mais aprendeu”), na qual uma das crianças afirmou:

*“(...) foi um quadro que ficava no fundo de um corredor, ele parecia uma vista de verdade”.*

O quadro a que a estudante se refere (cópia em anexo II, figura 04) se trata de uma pintura de Benedito Calixto, a qual retrata um padre, sentado, lendo um livro. Para contextualizarmos o comentário da estudante, é importante citar que pintura em questão foi originalmente realizada nas paredes do Palácio Episcopal do município de São Carlos, tendo este já sido demolido. Contudo, antes de sua demolição, as obras foram extraídas da parede e acondicionadas em molduras, além de restauradas para serem expostas no museu. Conforme informações contidas no material que a instituição forneceu para a realização deste trabalho, o artista utilizou uma técnica denominada “efeito engana olho”, tradução de uma expressão francesa que sugere uma ilusão de ótica. Isto se dava pelo fato de a pintura ter sido feita no final de um dos corredores do palácio, o que dava a ilusão de continuidade do corredor para além da parede. A criança procura expressar a ilusão que a técnica proporciona da seguinte maneira: “ele parecia uma vista de verdade”.

Outra criança afirmou, em resposta à questão 03, do segundo questionário: (“Você se lembra de algum objeto que você viu no Museu de São Carlos? Conte o que você sentiu quando olhou para ele”) que o objeto que mais chamou sua atenção foi um quadro, acrescentando que teve vontade *“de estar lá porque era muito bonito”*.

LIMA (2007) descreve os níveis de desenvolvimento estético que podem ser percebidos e verificados no momento em que as pessoas se relacionam com obras de arte presentes em exposições e museus:

“Nível 01: Narrativo

Visitantes de museus são contadores de histórias usando observações concretas, seus sentidos e associações pessoais para criar uma narrativa. As suas avaliações sobre a obra de arte são baseadas no que eles gostam e no que eles possam saber sobre arte. À medida que os visitantes parecem entrar na obra de arte, seus comentários são entremeados por termos emocionais, tornando-se parte do desenrolar de um drama.

#### Nível 02: Construtivo

Os indivíduos criam uma estrutura para observar as obras de arte, usando as suas próprias percepções, conhecimento do mundo natural, valores morais e sociais e visões convencionais do mundo. Se a obra não parece ser do jeito que “deveria” (por exemplo, uma árvore ser alaranjada em vez de marrom, entre outros), o indivíduo julga a obra “estranha”, sem valor. A habilidade, a técnica, o trabalho árduo, a utilidade e a função não são evidentes. Respostas emocionais desaparecem à medida que os indivíduos se distanciam da obra de arte, focando só nas intenções do artista.

#### Nível 03: Classificatório

Os indivíduos descrevem a obra usando terminologia analítica e crítica similar a dos historiadores. Eles classificam a obra como de acordo com o lugar, a escola, o estilo, o tempo e a proveniência. Eles decodificam a superfície da tela em busca de indícios, usando o seu cabedal de fatos e figuras. Uma vez separado em categorias, o indivíduo explica e racionaliza o significado e a mensagem da obra.

#### Nível 04: Interpretativo

Os indivíduos buscam criar algum tipo de relação com a obra de arte. Eles exploram a tela, permitindo que as interpretações da obra lentamente se revelem; eles apontam sutilezas da linha, forma e cor. Sentimentos e intuições precedem a percepção crítica, à medida que esses indivíduos permitem que os símbolos e os significados da obra emergjam. Cada novo encontro com uma obra de arte evoca novas comparações, percepções e experiências. Eles aceitam a idéia de que o valor e identidade da obra estão sujeitos à reinterpretação, e vêem uma interpretação passível de mudança.

#### Nível 05: Re-criativo:

Os indivíduos, depois de terem estabelecido uma longa história de observação e reflexão sobre obras de arte, estão agora prontos para suspender a incredulidade. Uma pintura familiar é como um velho amigo – imediatamente conhecida, mas ainda cheia de surpresas,

que necessita de atenção diária e plena. Como em todas as amizades significativas, o tempo é um elemento chave. Conhecer a ecologia da obra – o seu tempo, a sua história, as suas questões, as suas viagens e as suas complexidades – e desenvolver a sua própria história com a obra, em particular, e com a observação, em geral, permitem a esses indivíduos combinar uma contemplação mais pessoal com uma que abarca preocupações mais universais. Aqui a memória mistura a paisagem da pintura, combinando as visões pessoais e universais.” (p. 6).

Com base na leitura dos diferentes níveis de desenvolvimento estéticos dispostos acima, é possível perceber, por meio da leitura da resposta da estudante no excerto no qual ela afirma que a pintura “parecia de verdade”, que esta foi capaz de perceber a técnica utilizada na obra em questão, além de expressar o efeito que ela ocasiona em nossa forma de interpretá-la, senti-la. Podemos concluir então que a estudante apresentou um nível significativo de atenção e de percepção ao olhar o quadro (transcende à superficialidade).

Com relação à forma como as crianças relacionaram a visita ao Museu com suas experiências pessoais, foi possível destacar um trecho da resposta de uma das participantes à questão de número 01, contida no segundo questionário (“Você gostou de visitar o Museu de São Carlos? Por quê?”), na qual a estudante afirma:

*“(...) eu aprendi muitas coisas que facilitaram a minha vida e me fizeram sentir o nascimento do meu bisavô.”*

Esta fala da criança evidencia que a aprendizagem da mesma esteve mais relacionada aos aspectos afetivos e emocionais, suscitados pela visita.

Foi possível relacionar algumas afirmações das crianças, contidas nos questionários, ao que explica Ulpiano de Meneses (1992), quando menciona que os museus nos ajudam a compreender e nos relacionarmos com os objetos (bens culturais) de forma diferente do que fazemos na nossa vida cotidiana. Ele explica que, em nossa vida diária, sobretudo em nossa sociedade capitalista, lidamos com os objetos de forma a focalizar dois aspectos: o seu valor monetário e a sua utilidade prática. Além disso, o autor explica que na maioria das vezes, em nosso cotidiano, nos relacionamos com os objetos de forma superficial, ou seja, observamos apenas o que está aparente nesses objetos, sem que haja um desenvolvimento da percepção estética e o que o objeto pode nos mostrar, ensinar. Conforme exemplos abaixo:

Uma estudante, ao ser questionada sobre qual objeto teria chamado mais a sua atenção e quais sentimentos suscitou (questão 03, do segundo questionário), responde:

*“A carruagem. Eu me senti muito bem e até queria andar nela”.*

Ulpiano de Meneses (1992) promove uma distinção entre a forma como lidamos com os objetos em nossa vida cotidiana e a forma como lidamos com os objetos a partir da experiência em um museu. Ele afirma que nos museus os objetos assumem a função de documentos capazes de fornecer informação, despertar o sonho, o devaneio, a contemplação estética, a expansão da afetividade, o exercício lúdico, entre outros.

Considerando-se tais reflexões, podemos inferir que a criança, ao escrever sobre o objeto de que mais gostou (a carruagem, anexo II, figura 03), certamente não considerou somente os aspectos superficiais desse objeto, mas sim o vislumbrou de forma diferente, de forma que este objeto despertou nela o sonho e o exercício lúdico, quando ela afirma: “Eu até queria andar nela”. Não podemos afirmar com absoluta certeza quais reflexões permearam a mente e a imaginação da criança no momento em que observou a carruagem, no contexto da visita ao museu, mas podemos inferir que este objeto despertou sua imaginação, e, talvez, até a construção de um cenário que contextualizasse o uso deste objeto. Por exemplo, a criança pode ter-se imaginado guiando a carruagem, em uma floresta, ou imaginando que a carruagem estaria em um lugar bonito, de que ela goste, pode ter-se imaginado na companhia de outras pessoas que também estivessem andando na carruagem com ela, ou mesmo a menina pode ter relacionado este sentimento com imagens vistas em filmes ou histórias que conhece ou leu. Enfim, podemos lançar a hipótese de que, juntamente com o objeto, a criança criou todo um contexto imaginativo para ele.

Quando a criança afirma, na resposta à mesma questão (questão 03 do questionário 02: “Você se lembra de algum objeto que você viu no Museu de São Carlos? Conte o que você sentiu quando olhou para ele.”) que se sentiu “muito bem”, ao olhar a carruagem, podemos relacionar este comentário com a questão da experiência sensorial no museu. (LIMA, 2007). Esta experiência diz respeito às influências que sofremos a partir das características físicas de um ambiente: cheiro, arquitetura, sons, entre outros, o que, certamente, influencia nossos sentimentos e sensações.

A partir da reflexão de Meneses (1992) e deste excerto de resposta, podemos afirmar também que nosso comportamento frente aos objetos que nos rodeiam na atualidade está relacionado à forma como lidamos com o tempo, na medida em que consideramos o tempo apenas em sua dimensão cronológica, comercial e quantitativa. Assim, não lidamos com o

tempo de forma criativa, de modo a prestar atenção às subjetividades, ao desenvolvimento da percepção, da criatividade, etc.

Sobre os objetos que mais chamaram a sua atenção e os sentimentos relacionados a eles, as crianças destacam:

*“Eu vi aquela coisa gigante e fiquei com vontade de andar nela”. (sobre a carruagem)*

*“(…) com a câmera eu queria fazer um filme com ela para ir para Hollywood e com a câmera eu queria tirar fotos com aquela câmera”. (câmera fotográfica).*

*“Sim, porque eu vi umas fotos que eu nunca vi na minha vida inteira”. (fotos)*

*“Eu gostei quando eu vi uma lanterna de trem eu me senti emocionado” (lanterna de trem)*

*“(…) câmera de tirar foto antiga, assustado” (câmera fotográfica)*

*“Sim, os quadros eu senti muita felicidade pois os quadros eram lindos e já que faço aula de artes fiquei admirada”. (pinturas de Benedito Calixto).*

*“(…) A carruagem, eu senti vontade de dar um passeio nela” (carruagem).*

*“(…) Um quadro, eu senti vontade de estar lá porque era muito bonito” (pinturas de Calixto).*

*“(…) A carruagem em que D. Pedro II andou. Nossa eu queria andar nela” (carruagem).*

Podemos observar, a partir da análise das respostas das crianças, outro tipo de aprendizagem que se pode obter na visita a um museu: o desenvolvimento das noções de espaço e de tempo. Por exemplo, destaca-se um comentário de uma das participantes da



pesquisa, referente à questão de número 04, contida no questionário 01 (“Em sua opinião, para que serve um museu?”):

*“(...) Tipo quando a gente nasceu, a gente não viu nada do ano 20”.*

Esta afirmação da estudante é interessante na medida em que, a partir dela, podemos inferir que a estudante compreende o espaço do Museu como um espaço em que podemos ter contato com objetos que não fazem parte do nosso cotidiano, mas sim fizeram parte do cotidiano de pessoas que viveram em outras épocas. Assim, é possível perceber que a criança identificou o Museu como um lugar em que temos a oportunidade de ver coisas que somente poderíamos ver se pudéssemos ter vivido em épocas passadas. Podemos perceber também que a criança tem a noção do que é contemporâneo e do que é passado, pois ela dimensiona o ano de seu nascimento à época a que ele corresponde, quando diz: “Quando a gente nasceu, a gente não viu nada do ano 20”. Isso pode significar um desenvolvimento significativo da noção de localização espaço-temporal da criança, ou seja, como esta organiza e concebe a questão do espaço e da passagem do tempo, ao longo de diferentes épocas, relacionando-a às ações humanas<sup>4</sup>. Pode-se inferir então que o museu se caracteriza como um espaço onde é possível que ocorra o desenvolvimento ou o aprimoramento dessas noções.

Destaca-se a seguir outro trecho de uma resposta de uma das estudantes à questão 03, do segundo questionário entregue à turma, a qual versava sobre o objeto que mais chamou a atenção da criança e qual sentimento suscitou. A estudante respondeu:

*“(...) a carruagem em que Dom Pedro II andou” – e acrescenta: “Nossa eu quero andar nela”.*

Podemos relacionar este comentário da estudante a questões expostas por alguns teóricos estudados para a elaboração deste trabalho. Primeiramente, quando a estudante chama a atenção para o fato de que a carruagem foi utilizada por Dom Pedro II, nota-se aí uma tendência que se faz presente nos museus principalmente a partir do século XIX, momento em

---

<sup>4</sup> Sobre essa questão, ver estudos de ZAMBONI, Ernesta. **Desenvolvimento das noções de espaço e tempo na criança**. Cadernos CEDES: A prática de ensino de História, n. 10, 1989.

que o “poder” e a importância das coleções estão focalizados no poder do Estado Nacional (GUEDES, 2007).

Desta forma, os museus passam a transmitir valores e ideologias políticas, com fins de propaganda em favor de regimes políticos, partidários, ou mesmo para valorizar figuras que representavam liderança política em determinada época, tal qual a figura do imperador Dom Pedro II, citada pela estudante. É interessante observar também que, a partir deste período, há uma modificação da forma como se concebe o valor dos bens culturais. Percebe-se que estes não tratam de toda a sociedade, dos movimentos e ações coletivas representadas por diversos grupos, mas seu valor é restrito a um líder, a um ícone, como se todas as transformações sociais e culturais estivessem focalizadas apenas nele.

A partir da leitura do artigo de Guedes (2007), podemos perceber que os bens culturais e seu valor sempre, desde a Antiguidade, estiveram ligados a figuras de liderança, seja esta no campo político, religioso, econômico, cultural, entre outros.

Quanto às repostas contidas no questionário 02, destaca-se a que se refere à segunda pergunta 02 (“Você aprendeu muitas coisas no Museu? Conte o que você mais aprendeu”), cuja resposta de uma criança foi:

*“Mais ou menos, porque era um pouco difícil o que ela disse”.*

No momento de responder a esta questão, a estudante compartilhou que estava em dúvidas quanto à resposta. Ela disse: “Eu gostei, mas achei difícil entender as coisas...”. A estudante, nesta resposta, mostra um aspecto importante a se considerar sobre a aprendizagem nas visitas monitoradas aos museus. Muitas vezes, a forma como a visita é organizada pode não atingir as expectativas de um visitante, de modo a ser um discurso estranho a ela. Assim, o nível de compreensão da visita dependerá de vários fatores, tais como: os interesses e motivações dos visitantes, a linguagem utilizada na comunicação durante a visita, ao contato prévio do visitante com as questões a serem abordadas na visita, entre outros.

A afirmação da criança pode representar um importante indicador de novas práticas de educação em museus, com vistas a tornar a mensagem transmitida mais compreensível ou significativa, levando-se em consideração a faixa etária dos visitantes e o contexto da visita.

Na questão de número 03, contida no segundo questionário (“Você se lembra de algum objeto presente no Museu de São Carlos? Conte o que você sentiu quando olhou para ele”), uma das estudantes responde:

*“Eu achei bonito e interessante mas não senti nada”.*

Diante desta afirmação da estudante, podemos inferir que as formas de comunicação que o indivíduo estabelece com os bens culturais presentes na exposição de um museu são diferenciadas e particulares. De acordo com cada situação, cada contexto, o visitante terá uma experiência mais ou menos significativa, que focalize mais o lúdico, os sentimentos, ou, ao contrário, focalize mais os aspectos descritivos da exposição. Enfim, as possibilidades de interação com a exposição são múltiplas. É possível perceber que, neste caso, a experiência com aqueles objetos em específico, para a criança, não foi intensa a ponto de produzir sentimentos, sensações, o que não significa que não possa ter sido uma experiência rica em algum outro aspecto.

Outro aspecto a se destacar nas respostas da mesma estudante foi a resposta à questão de número 04, contida no segundo questionário (“Por que será que as pessoas visitam os museus?”) A esta questão, a estudante responde, entre outras coisas, que em um museu as pessoas podem *“(...) estudar um pouco sobre pintores, pessoas”*. Esta observação é significativa, pois nos mostra que a criança já estabelece que o museu não é apenas um espaço de aprendizagem sobre “coisas”, mas também sobre “pessoas”. Sendo assim, é possível perceber que a criança foi capaz de relacionar os objetos a ações humanas, ou seja, relacioná-los a pessoas às quais os objetos dizem respeito.

Além disso, outras crianças, em resposta à questão de número 02, contida no primeiro questionário (“O que você acha que podemos aprender indo a museus?”), diferentemente da maioria da turma, respondem que podemos aprender em um museu “sobre história” e, com relação à questão de número 4, do primeiro questionário (“Em sua opinião, para que serve um museu?”), algumas crianças também respondem que um museu serve “para vermos as coisas do passado da cidade”.

Portanto, os dados obtidos e analisados permitem concluir que a visita ao Museu de São Carlos proporcionou às crianças participantes:

1. Aprendizagens com respeito à compreensão da relação passado versus presente, ou seja, ampliou a noção de espaço e tempo das crianças, a partir da contextualização social e histórica dos bens culturais presentes no espaço do museu;
2. Sensibilidade estética com relação às obras de arte e aos objetos, na medida em que as crianças relacionaram várias pinturas e obras de arte a sentimentos e experiências pessoais, além do desenvolvimento da percepção, da apreensão de detalhes objetivos e subjetivos das obras;
3. Desenvolvimento de aspectos afetivos e emocionais, a partir da leitura das obras em exposição, as quais, conforme constatado em relatos de várias crianças, as fizeram sentir medo, susto, felicidade, emoção, entre outros e também o despertar de lembranças e memórias;
4. Outra forma de enxergar e se relacionar com os objetos, que vai além de considerá-los apenas por seu valor monetário ou utilitário, mas, contudo, vê-los como documentos que testemunham a história, fornecem informação, despertando a imaginação e o exercício lúdico;
5. Outra forma de se relacionar com o tempo: não convencional, quantitativa, cronológica, mas sim de forma criativa, prestando atenção às subjetividades, desenvolvendo a percepção e a atribuição de novos significados a realidade apreendida.
6. Diferentes formas de interação com o espaço (deixando-se envolver pelos aspectos físicos do ambiente, tais como: cor, cheiro, barulho, “clima”), com outras pessoas, como os colegas, o (a) professor (a) e também com os próprios (as) monitores (as) do museu (compartilhando opiniões sobre as aprendizagens, relatando memórias, desenvolvendo a expressão oral, o respeito à fala e à palavra do outro, entre outras aprendizagens).

É importante também ressaltar que, embora muitas aprendizagens tenham sido verificadas a partir da experiência com as crianças no espaço do museu, este trabalho evidencia o quanto a instituição “museu” ainda precisa ser mais bem compreendida pela nossa sociedade, pois, ao verificarmos as concepções e as expectativas das crianças quanto à visita,

notamos pouco aprofundamento por parte destas no que diz respeito a complexidade da função dos museus. Isto nos mostra que é necessário uma maior articulação entre escola e outros espaços educacionais não-escolares para que, juntos, estes possam contribuir para a formação das crianças em termos sociais, afetivos, artísticos, históricos, entre outros. No caso de um museu, especificamente, essa articulação pode se dar, por exemplo, por meio de oficinas de preparo à visita, de formação de professores, de uma maior sistematização de “conteúdo da visita”, ou seja, da utilização de recursos, meios didáticos e modos de atingir a cada faixa etária correspondente ao público, desenvolvimentos de projetos, palestras, entre outros. Todos esses fatores poderiam, assim, contribuir no sentido de potencializar o caráter educativo dos museus, assim como fortalecer os laços com a instituição escolar, de forma a torná-los parceiros na busca de democratização do acesso às diferentes áreas do conhecimento.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi explicitado na introdução deste trabalho, o interesse pelo estudo da temática da educação em museus surgiu de uma experiência prática como monitora no Museu de São Carlos-SP. Ao longo desta experiência, foi possível verificar diferentes processos de ensino e aprendizagem, por meio da observação das posturas, do comportamento e da fala do público visitante do museu, no momento das visitas monitoradas. Assim, buscou-se a realização de uma pesquisa na qual fosse possível coletar dados de forma mais sistemática e analisá-los com base em literatura específica, a fim de comprovar o caráter educativo dos museus, sendo esta a nossa hipótese inicial. Desta forma, é importante destacar que este trabalho não pretende esgotar a temática, mas sim se constitui como contribuição a estudos e pesquisas posteriores.

No primeiro capítulo do presente trabalho, buscamos apresentar, a partir das leituras e pesquisa bibliográfica realizada, alguns aspectos da origem, da trajetória, da função e das diferentes concepções acerca da instituição museu em nossa sociedade atual. No segundo capítulo, buscamos apresentar a pesquisa, delineando seus objetivos, metodologia e organização. No terceiro capítulo, buscamos contextualizar o espaço onde se dá a pesquisa: o Museu de São Carlos: sua proposta junto à comunidade são-carlense, como desenvolve seus trabalhos e projetos, entre outros. Nos capítulos quatro, cinco e seis, foram feitas as análises dos dados contidos nos questionários respondidos pelas crianças participantes da pesquisa, a partir do que pudemos encontrar as respostas aos nossos questionamentos iniciais, os quais eram:

- 1) Quais as expectativas das crianças no momento em que visitam o Museu de São Carlos? O que elas esperam encontrar e/ou aprender neste local?
- 2) Que tipo de aprendizagens ocorrem no momento da visita monitorada e quais sentimentos, sensações, reflexões são (ou não) suscitados nas crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental, a partir da visita ao Museu?

Foi possível notar, durante a experiência com visitas em museus, que cada turma e cada visita constituem uma interação diferente, na medida em que o contexto é outro. Por

exemplo, mudam os sujeitos participantes; muda a dinâmica de interação da turma, da escola, da interação com o (a) monitor (a) e com os outros colegas; muda a organização das monitorias e as ênfases dadas pelo (a) monitor (a) em determinadas coisas ou outras. Outros fatores também influenciam as aprendizagens e experiência educativa nos museus: a condição social das crianças, o contato que elas têm com bens e espaços culturais e como a escola ou a comunidade/família conversam sobre esse assunto com as crianças.

Nota-se que é muito importante dizer às crianças o que é um museu, o que é o patrimônio, contextualizar a visita, tornar a visita um momento de aprendizagem, de expressão, de discussão, de informações precisas e profundas (de acordo com a faixa etária dos visitantes). Pensamos que seria interessante que as escolas aproveitassem esse espaço de aprendizagem tão rico e não considerassem a visita a um museu apenas como mais um passeio cultural. Quando um museu explicita aos visitantes a sua função social, o seu significado, o seu sentido, ele próprio contribui para que as pessoas ampliem a sua concepção sobre ele e não o vejam apenas como um local para se guardar coisas antigas, tal como muitas pessoas acreditam e até mesmo as crianças participantes da pesquisa explicitaram em suas respostas aos questionários.

Ao conversar com diversas pessoas sobre essa temática, é possível observar diferentes pontos de vista: algumas consideram o espaço do museu muito importante para a formação de cidadãos, mas outras, ao contrário, demonstram até mesmo certa resistência a trabalhos a respeito da educação em museus, dizendo, por exemplo: “O que um museu tem a ver com Pedagogia?” ou “Para quê estudar um espaço onde se guardam coisas velhas?”. Inclusive foi possível ouvir, durante a elaboração do trabalho, pessoas ligadas à área de Museologia dizerem: “Crianças não tem que ir a museus, pois só depois de certa idade é que se pode compreender o valor dos objetos ali presentes”.

Tais críticas são compreensíveis e até mesmo justificáveis, pois ao longo de muito tempo, os museus foram espaços designados apenas à salvaguarda de objetos que, via de regra, simbolizavam e pertenciam a valores de determinada classe social: a elite. Por esse motivo, talvez, não havia grande preocupação com o caráter educativo dos museus, o que impossibilitava que grande parte da população compreendesse seus objetivos ou se identificasse de alguma maneira com as exposições.

Felizmente, após a pesquisa e análise de seus resultados, foi possível concluir que, ao contrário de algumas perspectivas a respeito desta instituição, o museu se constitui um espaço rico e fecundo de aprendizagem, sendo muito relevante que pedagogos (as), professores (as), educadores (as) e sociedade em geral compreendam a sua importância e as contribuições deste espaço para a formação das crianças e das pessoas em geral.

Sendo assim, concluímos que este Trabalho de Conclusão de Curso contribuiu na formação em Licenciatura em Pedagogia na medida em que evidenciou a amplitude no processo educativo, mostrando que este se dá em diferentes espaços para além da escola, sendo o museu um desses espaços. Além disso, o trabalho contribuiu no sentido de se evidenciar a importância da Educação Patrimonial na formação das crianças, na medida em que, por meio dela, podemos nos reconhecer como sujeitos históricos, a partir do reconhecimento de nossa identidade cultural e das memórias dos diferentes grupos que atuam e modificam constantemente a sociedade em que vivemos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Alexandre Rômulo A. de Amorim. *Arruando pelos lugares: as excursões históricas e de Educação Patrimonial*. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro, v.39, p.345-361, 2007.

BRUNO, Cristina. *Museologia e Comunicação*. In: **Cadernos de Sociomuseologia- Centro de Estudos de Sociomuseologia**. Campo Grande: ULHT- Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1996. p. 9-38.

FREIRE, Paulo. *Cidades Educativas*. In: **Política e Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1993, p.16-88.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38, jan./mar 2006.

GONÇALVES FILHO, José Moura. *Olhar e Memória*. In NOVAES, Adauto (org). **O Olhar**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p. 95-124.

GUEDES, Angela Cardoso. *Coleções e museus*. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro, v.39, p. 421-431, 2007.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **O objeto cultural - uma descoberta**. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ep/tetxt5.htm>.

LIMA, A. **Conversas sobre educação em museus**. Fundação Pró-Memória, São Carlos/ S.P, 2007. (texto mimeografado).

LOPES, M.M. *A Favor da Desescolarização dos Museus*. In: **Educação e Sociedade**, v.40, , dez.1991, p.443-455.

MENDES, José Amado. **Educação e Museus: novas correntes**. Conferência proferida no museu Monográfico de Conímbriga, 2003.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *Para que serve um museu histórico?* In: Museu Paulista-USP. (Org.). **Como explorar um museu histórico (material didático)**. São Paulo: Museu Paulista-USP, 1992, p.3-6.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *Museus históricos: da celebração à consciência histórica*. In: Museu Paulista-USP. (Org.). **Como explorar um museu histórico (material didático)**. São Paulo: Museu Paulista-USP, 1992, p.7-10.

PARK, Margareth Brandini. *Comunidade, Memória e Formação de Professores*. In: PARK, Margareth Brandini (Org). **Memória em movimento na formação de professores: prosas e histórias**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2000, p.17-31.

#### **Obras consultadas:**

MARANDINO, Martha. *Museu e escola: parceiros na educação científica do cidadão*. In: CANDAU, Vera Maria (org). **Reinventar a Escola**. Petrópolis: Vozes, 2ª edição, 2001. p.212-213.

#### **Sítios pesquisados**

<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ep/tetxt5.htm>.